TERCEIRO

Livro de Leitura

(SÉRIE FONTES)

Adotado nas escolas públicas do Estado de Santa Catarina

Nova edição, posta de acôrdo com a ortografia oficial



1939
TIP. DA LIVRARIA CENTRAL
de
ALBERTO ENTRES
FLORIANOPOLIS

Stª Catarina

TERCEIRO LIVRO DE LEITURA

TERCEIRO

Livro de Leitura

(SÉRIE FONTES)

Adotado nas escolas públicas do Estado de Santa Catarina

NOVA EDIÇÃO

posta de acôrdo com a ortografia oficial
(decreto-lei federal n. 292, de 23
de fevereiro de 1938)

TIP. LIVRARIA CENTRAL
de
ALBERTO ENTRES
FLORIANÓPOLIS
1941


BIBLIOTECA PÚBLICA
Reg. nº 1944
FLORIANÓPOLIS
23/1/70
SANTA CATARINA

PREFÁCIO

O dr. Henrique Fontes, quando organizou esta série de livros de leitura, escreveu as seguintes observações como **PREFÁCIO**:

«Não foi a falta de bons livros de leitura que me levou a propor ao exmo. sr. dr. Hercílio Luz a impressão por conta do Estado da presente série de livros escolares.

A causa dêste empreendimento foi a falta de livros de custo módico, de livros que, podendo ser adquiridos sem sacrifício pelos remediados, possam tambem, à larga, ser distribuídos gratuitamente entre aqueles para quem alguns tostões representam quantia apreciavel.

Empenhando-se o Estado em tornar efetivas as leis que promulgou sôbre a obrigatoriedade do ensino, precisa por isso facilitar a aquisição de livros; precisa mesmo dá-los aos que não os possam comprar e aos que relutem em adquirí-los.

Mas claro está que nesta série de livros não se procura sòmente a exiguidade do custo; com igual cuidado procura-se tambem que nela, tanto no assunto como na feitura material, sejam observadas as lições da pedagogia, de modo que, ainda sob êste aspeto de importância capital, não sejam os presentes livros inferiores aos seus congêneres.

Serão, por isso, recebidas com muito agrado todas as observações que os srs. professores públicos ou particulares a respeito dos mesmos queiram fazer, convindo mesmo frisar que esta edição, devido ao curto espaço de tempo em que foi organizada, e devido tambem à atual carestia do papel, é uma tiragem de ensaio, já calculada para se esgotar no corrente ano letivo.

Isso é mais uma razão para que os que lidam no ensino se dignem mandar-me suas indicações, que serão acolhidas como assinalado favor.

Florianópolis, janeiro de 1920.

HENRIQUE FONTES
Diretor da Instrução Pública».

A Diretoria da Instrução, editando o presente livro organizado naquela época, procura completar a série de que êste constitue o terceiro volume.

Florianópolis, 10 de janeiro de 1929.

1. Oração do educador

Prisciliana Duarte de Almeida



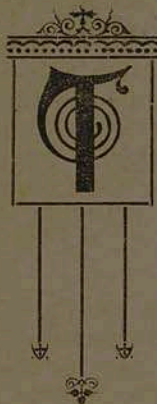
ESÚS, educador da humanidade,
Que disseste: „Deixai que os pequeninos
Comigo venham ter!"
Ensina-me a formar os paladinos
Da Justiça, da Paz e da Bondade,
Ensina-me a ensinar a bem viver!

Com palavras, exemplos e carinho,
Dá que eu conduza ao pôrto desejado
As alminhas em flor!
Que cada coração por mim tocado
Tenha o perfume bom do rosmaninho
Qnde viceje teu divino amor!

Que eu nunca seja pedra de tropêço,
Que eu nunca escandalize uma criança,
Que eu saiba respeitar seu coração!
Dá-me essa fôrça poderosa e mansa,
Esse dom de educar, que não tem preço:
— Saber, ternura, esfôrço, inspiração!

2. Deus

Latino Coelho



UDO no universo e em nós mesmos nos está continuamente demonstrando a existência de Deus.

A admiravel variedade, a perfeição e a harmonia do mundo é um testemunho irrecusavel de um poder superior à natureza, ao universo, a nós todos; que creou todas as coisas e as mantem e conserva segundo as leis que Êle mesmo prescreveu.

O mundo não se poderia crear a si próprio.

Não é o Sol, não são as estrêlas, não são os infinitos astros que povoam o firmamento, os que a si mesmos se produziram e puzeram em movimento.

O homem, os animais que vivem na sua sujeição e obediência, os que habitam selvagens e indômitos nas florestas e nos campos, no ar e no oceano, as plantas rasteiras e humildes que brotam por entre as fendas dos rochedos e aquelas que, como o cedro e o carvalho, agitam a sua copa magnífica nos ares e resistem por séculos aos furores da tempestade, todos estes seres foram creados por um Ente superior e onipotente, que os tirou a todos do nada, que lhes deu as suas formas variadas ao infinito, que lhes concedeu a cada um atributos e qualidades diversís-

simas, e que lhes pôs leis, segundo as quais se regula a existência de cada um.

Há, pois, um Creador que fez o homem e o universo. Êsse supremo Creador é Deus!

Deus é um espírito; por isso o não podemos perceber pelos nossos sentidos, porque não tem corpo, nem côr, nem algum dos atributos que se reconhecem nas coisas materiais. Creador de todas as coisas, Deus não foi creado por nenhum outro ser. Não teve, pois, princípio, nem há de ter fim. E' eterno, isto é, existiu sempre e sempre há de existir.

Superior a todos os entes creados por Êle, as suas perfeições são infinitas. E' onipotente, isto é, pode tudo; é imutavel, isto é, não pode ter mudança nos seus atributos; é creador de todas as coisas, e nenhuma das coisas creadas tem o poder de crear outros entes seus subordinados; é infinitamente bom; é imenso, porque está ao mesmo tempo em toda a parte; é senhor de tudo, tudo governa no mundo; a sua misteriosa providência a tudo acode e a tudo regula, segundo as leis da sua eterna e infinita sabedoria.

Aquele que pretende fazer um emprêgo sério da vida deve proceder sempre como se tivesse de viver longamente e regular-se, em todos os atos, como se devesse morrer amanhã.

Emílio Littré

3. Amor filial

João de Deus



ÓS a quem mais devemos amar neste mundo é a nossos pais, porque ninguem é capaz de sacrificar-se por amor de nós, como êles.

Os amigos mais leais e dedicados podem-nos faltar na desgraça, podem-nos esquecer na ausência ou por causa de novos laços de família e de amizade.

Os pais não desamparam nunca os seus filhos, nunca se esquecem dêles.

A falta das pessoas mais estimadas pode-se muitas vezes remediar; mas, quando temos a desgraça de perder o pai ou a mãe, não tornamos a achar na vida quem seja para nós extremoso e dedicado, como êles foram.

Por isso os devemos amar do fundo d'alma.

E devemos amá-los como êles são: embora pobres, humildes e desgraçados, não devemos invejar, outros mais ricos ou mais felizes.

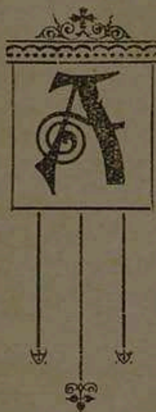
A verdadeira riqueza é a virtude; e a verdadeira nobreza são os sentimentos generosos.

O escoteiro é generoso e valente, sempre pronto a auxiliar os fracos, mesmo com perigo da própria vida.

Do Código dos Escoteiros

4. A criança e o dever

Lemos Brito



NDAI cá, meus pequeninos, e escutai.

E' da semente que a árvore recebe as qualidades que a distinguirão quando, grande, robusta, der sombra e frutos amanhã.

O homem será, em geral, o que a criança lhe transmitir, e da criança só herdará o homem, que dela há de surgir, o que de bom ou de mau, de nobre ou de mesquinho, se lhe der a beber na vossa idade.

Não encolhais os ombros aos salutares conselhos que vos falam da Pátria, na esperança de que recuperareis, quando homem, o que houverdes perdido em criança. O tempo que se perdeu não se recupera mais. Se não começardes, agora, a querer e a compreender a Pátria, amanhã dificilmente a querereis e a compreendereis, porque o amor à Pátria é como o amor que se consagra aos pais: desabrocha no berço, enflora na meninice, frutifica na madureza e dá sombra no futuro.

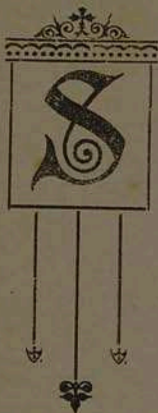
O escoteiro sabe obedecer. Compreende que a disciplina é uma necessidade de interêsse geral.

Do Código dos Escoteiros

5. O Universo

Olavo Bilac

A LUA



OU um pequeno mundo;
Movo-me, rolo, e danço
Por êste céu profundo;
Por sorte Deus me deu
Mover-me sem descanso
Em tôrno de outro mundo
Que inda é maior do que eu.

A TERRA

Eu sou êsse outro mundo:
A Lua me acompanha
Por êste céu profundo...
Mas é destino meu
Rolar, assim tamanha,
Em torno de outro mundo,
Que inda é maior do que eu.

O SOL

Eu sou êsse outro mundo,
Eu sou o Sol ardente,
Dou luz ao céu profundo...
Porém sou um pigmeu
Que rolo eternamente
Em torno de outro mundo,
Que inda é maior do que eu.

O HOMEM

Porque, no céu profundo,
Não há de parar mais
O vosso movimento?
Astros! qual é o mundo
Em tôrno ao qual rodais
Por êsse firmamento?

TODOS OS ASTROS

Não chega o teu estudo
Ao centro disso tudo,
Que escapa aos olhos teus!
O centro disso tudo,
Homem vaidoso, é **Deus**!

Tu bem podes pagar a tua mãe o leite que ela te dá numa chícara, mas nunca pagarás o que ela te deu do seu seio.

Provérbio finlandês

Atendamos mais ao que diz de nós a nossa conciência que os homens; ela nos conhece melhor do que êles.

Marquês de Maricá

6. Sangue

(*Valdemiro Potsch*)



côr do sangue que tendes visto é vermelha rutilante, mas êle pode tambem apresentar côr escura quasi negra. Quando nos pulmões o sangue recebe o oxigênio, para conduzí-lo a todo o corpo, fica de um vermelho brilhante. Quando dos tecidos êle volta aos pulmões, carregado de gás carbônico, tem *côr escura*, quasi negra. Logo que nova carga de oxigênio recebe, o sangue torna à sua linda côr.

O sangue é um líquido, mas neste líquido, existe uma infinidade de pequeníssimos glóbulos. E tão numerosos se mostram os glóbulos dos *4 ou 5 litros de sangue* do corpo que, colocados um em seguida aos outros, dariam uma extensão de 175.000 quilometros! Os glóbulos, porque teem exíguo tamanho, só podem ser vistos com o auxilio do microscópio. A maior parte dêles são **glóbulos vermelhos** e em número de *3 a 4 milhões* por milímetro cúbico. Os outros, os **glóbulos brancos**, que tambem existem, são muito menos abundantes, não havendo mais de *15.000* por milímetro cúbico.

A amizade é como uma alma em dois corpos. — Aristóteles.

7. A nossa Bandeira

Júlia Lopes d'Almeida



ERDE da côr dos mares e das florestas que embelezam a nossa terra desde a serra de Roruima até à barra do Chuí; azul, como o céu infinito em que abre os braços lúcidos o Cruzeiro; dourada, como o Sol que alegra o espaço e fecunda os campos, a nossa Bandeira retrata nas suas côres as supremas maravilhas do Universo!

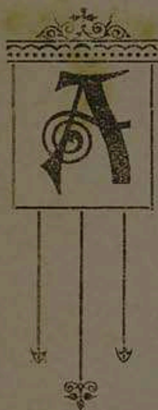
Filhos do sul ou filhos do norte, qual de nós não estremecerá de orgulho à sua glória? qual de nós não vibrará de entusiasmo, ao sentí-la aclamada pelos outros povos? Qual de nós não se comoverá, vendo-a desfraldada em país estranho, ou não se sentirá capaz das maiores audácias para a defender de uma afronta e livrá-la de uma derrota?

A nossa Bandeira é como um pálio confraternizador sôbre a cabeça de todos os brasileiros. Unamo-nos, para honrá-la na sua grandeza e para que ela seja sempre para nós, alem do símbolo da Pátria, o simbolo do Bem, da Razão e da Justiça.

. . . .

Irmãos do norte! Irmãos do sul! Unamo-nos em tôrno da nossa Bandeira! Que os elos que nos ligam se não dessoldem nunca, para que seja grande a sua glória e poderosa a sua fôrça.

8. A festa de Lúcio



mãe de Lúcio vivia na maior pobreza.

Como não tinha recursos para comprar lenha, mandava o filho apanhar no mato galhos secos com que alimentava em casa o fogo.

Um dia, segundo o costume, Lúcio saíu para êsse serviço. O tempo estava magnífico; um sol esplêndido.

Já tinha êle apanhado uma porção de galhos e feito um enorme feixe, quando se sentiu cansado e procurou um sítio, onde pudesse repousar um pouco e comer o que tinha trazido.

Ocupado nesta diligência, enxergou, entre outras árvores, uma jaboticabeira carregada de frutos pretos.

— Como não hão estar doces! — pensou e, forrando de folhas o fundo do chapéu, começou a colher jaboticabas.

Cheio o chapéu, sentou-se sôbre as raizes de uma figueira.

O sitio que escolheu, era realmente muito agradavel, e o menino sentia-se satisfeito. Parecia-lhe que sua mãe havia de gostar de o ver alí e de estar com êle, em vez passar dias e dias encerrada na sua humilde cabana.

Êstes pensamantos o preocupavam, justamente quando ia levando à boca a primeira jaboticaba.

— Como mamãe havia de apreciar estas frutas! — disse êle, baixando a mão e tornando a pôr a jaboticaba no chapéu. Vou guardá-las para ela. Não. Como metade e levo-lhe outra metade.

Dividiu, então as jaboticabas em dois montes. Mas os montes ficaram tão pequenos que Lúcio os ajuntou outra vez.

— Provo uma só, disse êle.

Mas, quando a levava aos lábios, viu que tinha tirado a mais bonita e tornou a deitá-la no chapéu.

— Não, — disse, — guardo todas para ela. E, cobrindo com folhas as frutas, guardou-as para quando volvesse a casa.

O Sol já descambava. Lúcio tomou as jaboticabas e pôs-se a caminho. Como ia contente com aquele presentezinho!

Justamente quando atirou o feixe de lenha ao chão, ouviu sua mãe chamá-lo.

— E's tu, Lúcio? — disse ela. Como foi bom chegares! Estou com muita sêde e queria um pouco de chá.

Lúcio correu para ela e ofereceu-lhe as jaboticabas.

— E tu as guardaste para tua mãe? — disse ela, apoiando a mão na cabeça do menino e com os olhos rasos de lágrimas. Oxalá que, no mundo, tenhas o pago de tua bondade, meu filho.

Poderia Lúcio ter maior satisfação, comendo as jaboticabas, do que teve ouvindo essas palavras?

Extr.

9. Silva Jardim

José do Patrocínio



S seus discursos estrelejavam chamas, como um ferro em temperatura branda.

Parecia uma maré de fogo avançando contra o trono. Tendo começado o incêndio em Santos, estendeu-se à província de São Paulo inteira; à capital do Império, às províncias do Rio e Minas Gerais. Falava em três e quatro cidades no mesmo dia, com o relógio na mão, para obedecer ao horário das estradas de ferro.

Após o seu discurso, aparecia no lugar um centro republicano.

A propaganda de Silva Jardim tomou, entretanto, tamanhas proporções, era tão evidente a sua eficácia, os seus resultados eram tão imediatos, que a monarquia tomou a deliberação de resistir-lhe.

Cada vez que o orador republicano assomava à tribuna, corria iminente perigo de vida; pedradas, tiros de revólver, tumultos, lutas à mão armada interrompiam-lhe o discurso e êle, calmo, de pé na tribuna, com os braços cruzados, o sorriso aos lábios, esperava que a tormenta passasse, e continuava. Quando era de todo impossivel dominar o tumulto e se dissolvia a reunião, Silva Jardim se retirava, arriscando

tanto a vida como o mais humilde dos seus correligionários.

Para os que acreditam, na Europa, que o advento da República foi exclusivamente devido ao pronunciamento militar dêsse dia, sirva êste rápido bosquejo da vida de Silva Jardim para dissuadí-los. A República estava feita nas conciências, precisava apenas de ser consagrada na lei.

Morreu tão trágicamente como tinha vivido, e ainda no último momento afirmou a sua extraordinária fôrça de vontade, muitas vezes temerária.

Queria ver de perto o Vesúvio. Estava em erupção; tanto melhor, assim era mais belo. Em vão o seu companheiro e amigo reclama; em vão o guia aconselha; em vão o solo, queimando já as plantas dos caminheiros, lhe faz muda advertência. O homem das grandes audácias caminha sempre, até que uma garganta súbitamente aberta, vomitando fumo, engole-o. Ainda neste momento supremo, o herói não se trai por um grito, limita-se a levar as mãos à cabeça, como único testemunho de sua agonia silenciosa.

Bela sepultura o vulcão, extraordinário destino do grande brasileiro: até para morrer converteu-se em lava.

Nas relações sociais evita mudar teus amigos em inimigos; esforça-te, ao contrário, em mudar teus inimigos em amigos.

Pitágoras

10. A Pátria

Carlos Pôrto Carreiro



Pátria é o berço mimoso
Que a nossa infância embalou;
É o regaço carinhoso
Que a vida nos amparou.

É tudo o que nos rodeia
— Nossos pais, nossos irmaos,
E o lar, e os mestres e a aldeia,
E os nossos concidadãos,

E o monte, o rio, as flores,
Que vemos desde o nascer:
Cantos, aromas, amores
Que cercam nosso viver.

E a fôrça que nos expande
Do tempo e do espaço além:
É a nossa familia grande
Que um mesmo afeto contém.

É o pranto dos mesmos prantos,
O riso do mesmo rir
De tantos que foram... tantos!
E doutros que inda hão de vir.

E' a história, que relembramos,
Dos que morreram por nós
E' a língua que nós falamos,
E' o Deus de nossos avós.

E', sob a luz do Cruzeiro
Que palpita lá no Azul,
O coração brasileiro
Vibrando de norte a sul.

E' a riqueza feiticeira
E o verde primaveril
Desenhados na bandeira
Do nosso caro Brasil.

Instruí! Há mais luz nas vinte e cinco letras do alfabeto do que em todas as constelações do firmamento.

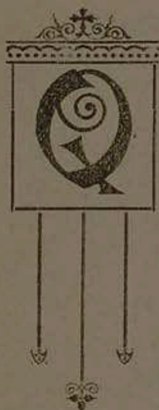
Guerra Junqueiro

O escoteiro considera todos os outros escoteiros como seus irmãos, sem distinção de classes sociais.

Do Código dos Escoteiros

11. A roseira

COELHO NETO



UERES distraír-te? Cultiva uma planta. Toma a teu cuidado uma roseira e terás o prêmio do teu facil e amoroso trabalho, vendo-a crescer, enfolhar-se, dar o botão, abrí-lo em flor. Quando colheres a rosa, trazendo-a para a tua mesa, poderás mostrá-la como um pouco de ti mesma, visto que concorreste para a sua existência com os carinhos de que cercaste o arbusto em que se gerou.

A planta ensina-nos a ser bons, mostrando que a bondade é sempre recompensada e prova-nos que a educação, ministrada como convem, corrige todos os defeitos.

Lembras-te da pequenina magnólia, cuja haste retorcida tanto lhe comprometia o porte? Vai vê-la — é outra: direita e graciosa só com o amparo de uma estaca que lhe apôs o jardineiro.

Como agradece a planta o bem que recebe? A roseira, com as suas flores; a fruteira, com os seus pomos; as arvores estéreis, com o lenho e a sombra.

Assim, todas são gratas aos benefícios que lhes fazemos.

Uma roseira é bastante para educar-nos o coração no amor da natureza, dando-nos o espetáculo da vida e a compensação alegre das suas flores.

12. Preceitos higiênicos



conservar a saúde
Que a higiene tem por fim:
Ser ela grande virtude
Afirmam todos assim.

E assim é: chegam a velhos,
Vivem sãos e são perfeitos
Os que atendem seus conselhos,
Os que seguem seus preceitos.

I

Do ar e dos aposentos

Livra-te do ar encanado,
Quando estiveres suado.

Quem a saúde não zela
Põe-se a dormir à janela.

Faz muito mal a quem sua
Saír assim para a rua.

Areja o quarto da cama,
Que ar impuro a peste chama.

Conserva no quarto flores,
Na cabeça terás dores.

Quando te fores deitar.
O braseiro hás de tirar.

Perto d'águas encharcadas
Não dês tu muitas passadas.

E' muito mau enxugar
Roupa onde te hás de deitar.

De onde sentires mau cheiro
Foge logo e bem ligeiro.

II

Do vestido e do asseio

Traz a todos a limpeza
Saúde, fôrça e lindeza,

Deves lavar cada dia
O rosto com água fria.

Fato que a chuva molhou,
Em si ninguem o secou.

O sol de inverno ou de estio
Na cabeça é doentio.

Penteia-te e limpa os dentes,
Conserva as unhas decentes.

Trazer fato sobre fato
Não faz bem nem é barato.

Lava o corpo em água morna,
Que a limpeza o corpo adorna.

Do que dorme descoberto
As doenças andam perto.

Tem calos e anda aleijado
Quem traz sapato apertado.

III

Do alimento e das bebidas

Que esperará o glotão?
— Morrer duma indigestão.

Come só para viver,
Não vivas para comer.

Entre comida e comida
Evita qualquer bebida.

Suando, bebe agua fria
Quem quer tosse ou pneumonia.

Para quem inda é pequemo
O vinho é grande veneno.

Não faz boa digestão
Comer com sofreguidão.

E' rifão que as grandes ceias
Têm as sepulturas cheias.

Quando estiveres suado,
Não tomes nenhum gelado.

Come de mais, meu pateta,
Amanhã põe-te em dieta.

Vale mais ficar com fome,
Que adoecer do que se come.

Quem muito vinagre traga
O seu estômago estraga.

Quem come fruta inda verde
A sua saúde perde.

Depois de comer banhar-se
E' mesmo querer matar-se.

Muitos doces e pastéis
Produzem males cruéis.

Se água só tens por bebida,
Viverás mais longa vida.

Morrem de fome raríssimos,
De fartadelas muitíssimos.

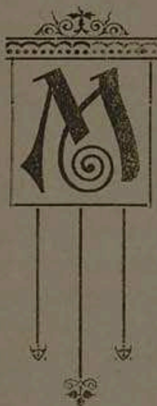
Extr.

Horas de sono

(Provérbio)

Quatro horas dorme o santo,
E cinco o que não é tanto,
Seis ou sete o estudante,
Oito ou nove o caminhante,
Por dez horas dorme o porco,
Mais do que isso o que está morto.

13. A verdadeira caridade



MAMÃE, fiquei hoje muito aborrecido, quando voltava da escola.

— Por que, Luiz?

— Porque nada tive para dar a um pobre velho que, ao subir a calçada por onde eu vinha, para pedir-me uma esmola, resvalou e caíu.

— Que fizeste então, meu filho, vendo por terra o pobre velho?

— Ajudei-o a levantar-se, peguei-lhe o chapéu e a bengala e limpei-lhe a roupa, que estava cheia de poeira.

— E o velho não se alegrou com o teu procedimento?

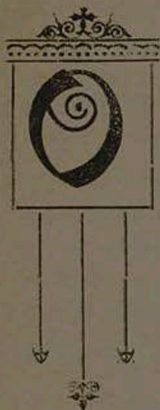
— Muito, mamãe! Sorriu-se tristemente, dizendo-me, cheio de emoção: „Deus te pague, meu filho!

— De nada tens que te aborrecer, Luiz. Fizeste a melhor esmola — a que sai do coração. Ajudaste o pobre velho no que podias; a mais não eras obrigado. A caridade não consiste só em dar alguma coisa aos pobres: consiste tambem em consolá-los nos seus sofrimentos. Aprovando o teu procedimento, repito como o bom velhinho: „Deus te pague!"

Extr.

14. O general Osório

Dionísio Cerqueira



S batalhões avançavam: a artilharia rugia rápida, infatigavel, a revólver: era um contínuo trovejar. Parecia uma tempestade. Cornetas soavam à carga; lanças se enristavam, cruzavam-se as baionetas; rasgavam-se os corpos sadios dos heróis; espadas brandidas a duas mãos, como os montantes dos pares de Carlos Magno, abriam crânios, cortavam braços, decepavam cabeças. Quadrados formavam-se aqui; além ouvia-se o toque de assembléia e as linhas de atiradores se reuniam, ora em círculo, ora formando os quatro camaradas de combate, de baioneta cruzada contra a cavalaria que vinha a golpe; era uma confusão imensa e cheia de fortes impressões. A batalha atingia o momento decisivo. De quem seria a vitória?

Surge no seu belo cavalo de combate o general Osório, com o largo chapéu de feltro negro, o ponche flutuante, deixando ver a gola bordada, a lança de ébano incrustada de prata na mão larga e robusta, e o olhar fascinante dominando aquele cenário trágico da glória e da morte. Ouviu-se um viva retumbante. De todos aqueles lá-

bios secos, daquelas gargantas roucas saíu imenso, entusiástico, um viva ao general Osório! Tudo se transformou ao tremular mágico da bandeirola da lança legendária. A nossa infantaria avançou galvanizada por aquele homem imensamente amado, e levou de vencida, até às profundezas densas da mata, os guerreiros inimigos, que sobreviveram à horrorosa hecatombe. A batalha estava ganha.

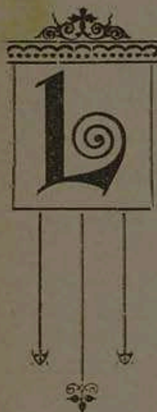
A derrota foi completa. O campo de batalha ficou, literalmente, juncado de inimigos mortos. López empenhára nesse dia, quasi todo o seu exército, e atirou-o contra nós por todos os lados. O ataque foi fulminante. As fôrças eram quasi iguais. Tinhamos, felizmente, à nossa frente o grande Osório, que surgia como um semi-deus, nos momentos mais críticos, levando consigo a vitória. Ouvi, e narro como ufania: soldados feridos, estorcendo-se nas vascas da agonia, levantarem-se a meio, com a auréola da morte doirando-lhes os cabelos empastados de sangue, murmurarem em voz defalecida, quando êle passava: Viva o general Osório! viva Osório!

Por mais caros que vos sejam o vosso patrimônio, a honra e a vida, estai prontos a sacrificar tudo ao dever, se êste vos exigir semelhante sacrifício

Sílvio Pélico

15. Violetas roxas

Belmiro Braga



EMBRAS-TE, Elza, de que, certa vez, me perguntaste por que é que havia violetas roxas como as tardes nostálgicas de agosto, e que eu, pretextando uma resposta futil, nada te respondí?

Não te lembras mais, talvez.

A pergunta que me fizeste era como a minha desculpa: frívola e futil. Fizeste-ma apenas levada por essa curiosidade inata das crianças.

Eu, porém, Elza, é que nunca mais deixei de procurar saber a origem das violetas roxas. Manuseei velhíssimos ,,in-fólios" e consultei profundos sábios, mas nem livros, nem sábios coisa alguma me revelaram.

Desesperançava já de te poder ciciar aos ouvidos uma resposta segura à tua pergunta ingênua, quando, à porta do meu tugúrio, bate uma velhinha — triste como a Saudade e meiga como o Perdão — e conta-me esta curta e comovedora história:

,,Eram, em tempos idos, todas as violetas brancas como o arminho; semelhavam, por

entre as suas moitas vírides, pérolas espargidas sobre tufos de veludo glauco. De mãe amantíssima, porém, um filho morre. Enterra-o a um canto do pequeno cemitério, e na terra fofa, que a criança esconde, planta um pé de violetas brancas e rega-o todas as tardes com o pranto amargo dos seus olhos.

A planta viceja, abotoa-se e florí; mas as flores, em vez de brancas como o arminho, são roxas como as tardes nostálgicas de agosto. E daí é que vem a origem das violetas roxas...“

— Elza, ouviste? Da terra fofa que um filho querido cobre e do pranto amargo de extremosa mãe, é que vem a origem das viletas roxas.

A palavra de um escoteiro é sagrada, êle coloca a honra acima de tudo, mesmo da própria vida.

Do Código dos Escoteiros

Não dês a teus amigos os conselhos mais agradaveis, dá-lhes os mais uteis.

Solon

16. Araposa e o tucano

Fábula



raposa entendeu que devia andar debicando o tucano. Uma vez, convidou-o para jantar em casa dela. O tucano foi.

A raposa fez mingau para o jantar e espalhou-o em cima duma pedra, e o pobre tucano não pôde comer e até machucou muito o seu bico...

O tucano, com isto, não se deu por vencido e procurou um meio de vingar-se.

Daí a tempos foi a casa da raposa e disse:

— Comadre, você outro dia me obsequiou tanto, dando-me aquele jantar; agora é chegada a minha vez de lhe pagar na mesma moeda; venho convidá-la para ir jantar comigo. Vamo-nos embora que o petisco está bom.

A raposa aceitou o convite, e foram-se ambos.

Ora, o tucano preparou tambem mingau e botou-o dentro dum jarro de pescoço estreito. O tucano metia o bico e, quando tirava, vinha-se regalando. A raposa nada comeu, lambendo apenas algum pingo que caía fora do jarro.

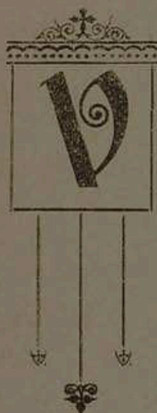
Acabado o jantar, disse o tucano:

— Isto, comadre, é para você não querer fazer-se mais sabida do que os outros.

Extr.

17. O GRITO DO IPIRANGA

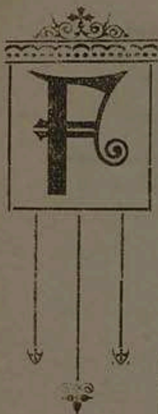
Odilon Fernandes



AI alto o dia, já se inclina o Sol
Para um fulgente e rúbido e arrebol;
Da terra se despede, lentamente,
Como quem sofre por estar ausente.
Formoso o céu azul, primaveril,
Que primavera é sempre, no Brasil!
Nas matas ouve-se o trinar das aves,
Em harmonias quérulas, suaves...
Deflue, pacifico, o ribeiro agreste,
Por entre a relva que a campina veste;
Ornam-lhe as margens pequeninas flores,
Que surgem dentre o verde, multicores.
Tudo é serenidade e placidez,
Junto à colina em que o Brasil se fez.
Mas ouve-se, de súbito, um tropel
E, célere, adianta-se um corcel;
Conduz o mensageiro que ao monarca
Envia Andrada, o excelso Patriarca.
O príncipe já surge, do outro lado,
Por séquito luzido acompanhado.
As cartas são-lhe entregues e êle as lê,
Surpreso e indignado,bem se vê.
Portugal quer demais, quer que o país
Volte de novo a ser pobre, infeliz.
Andrada o incita a libertar-se já,
Das ordens que a metrópole lhe dá.
D. Pedro, austero, indômito, orgulhoso,
Já do seu reino sente-se ufanoso.
Êle, que rege um povo nobre e altivo,
Não quer vê-lo, outra vez, como cativo.
Das lusitanas côres se despoja,
E, para longe, enfurecido, arroja.
O gládio, então, brandindo, intemerato,
Celebrizou as margens do regato,
Soltando o grito, altissonante e forte,
Que nos remiu: „**Indepêndencia ou morte!**"

18. O exército negro

Coelho Neto



OI pouco antes de 13 de maio de 1888. Das fazendas do interior de São Paulo tinham fugido em massa os escravos. O calix da amargura tinha sido esgotado até as fezes. A raça negra, depois de tantos séculos de sofrimento resignado, revolta-se em fim. . . .

Cada passo dado trazia um novo contingente à leva do desespêro, ao levante da dor, ao êxodo terrivel do sofrimento. Vinham quasi nús, famintos, com os pés chagados pela estrada pedregosa.

E caminhavam. . . caminhavam. . . caminhavam, de dia e de noite, à luz do sol ou à luz das estrêlas. E cantavam. Aquela melopéia tristíssima, repassada da indizivel melancolia das musas africanas, ecoava como um côro de gemidos no vasto seio impassivel da natureza.

E à noite, quando, em silêncio, desciam a serra negra, sob o olhar de fogo dos astros, os seus passos reboavam surdamente na terra, como o rumor de um oceano que se agita.

E era um oceano, um rude oceano que se precipitara do alto da serra... oceano revoltado, para o qual já não havia diques. Já nenhum pensava no castigo, no vergalho, no tronco, na

vingança dos senhores... Dalí, para a liberdade ou para a morte.

Foi no quilombo de Jabaguara, em Santos, que o exército negro parou.

O quilombo era um baluarte da propaganda abolicionista.

Alí algumas almas justas e piedosas tinham aberto um asilo para os desesperados do cativeiro. Alí, enquanto nas fazendas se castigavam escravos, dava-se aos foragidos pão e carinho, trabalho e liberdade, consôlo e instrução.

Quando o quilombo de Jabaguara recebeu esta última avalanche de negros fugidos, a propaganda estava perto da vitória. A alma brasileira se tinha levantado para protestar contra o crime secular da escravidão. A raça negra ia ser incorporada, no Brasil, à comunhão social. Ia-se apagar da face da América a mancha de lodo e sangue que a deshonrava. Pouco tempo depois da chegada ao Jabaguara, era promulgada a lei 13 de maio.

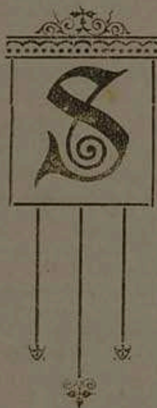
Todos os asilados do quilombo saíram a caminho de Santos. Aí na igreja, perto do túmulo de José Bonifácio, ouviram sua primeira missa livre. E a igreja se encheu de um rumor prolongado de soluços, — soluços de alívio, de esperança e de felicidade...

As amizades dos maus são contagiosas: pervertem os bons.

Marquês de Maricá

19. Conselhos

João de Deus



ER bom filho é ser amanhã bom cidadão.

Quem se acostumou a cumprir o seu dever na família, acha-se propenso a cumprí-lo na sociedade.

A pessoa habituada, de tenra idade, a respeitar o que é justo e decente, adquire uma forte repugnância à maldade e ao vício.

Por isso o amor da família é um manancial de bens -, fora da família, custa muito achar a felicidade.

Realmente, quem despreza as santas afeições que o sangue e a natureza inspiram, é impossivel confiar na amizade de estranhos!

Quem não tem alma de apreciar as doçuras da família, onde poderá achar enlêvo e distração?

Verdadeiro amor, verdadeira união, satisfação verdadeira, só há ao pé de virtuosos pais, ao lado duma esposa extremosa, no meio de filhos dóceis e inocentes, em companhia de amigos que o sangue e a afeição tornaram nossos irmãos.

Não desperdiceis o vosso coração em ilusões.

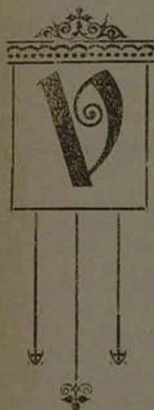
PROVÉRBIO

Toma em rapaz bom caminho,
Que o segues tambem velhinho.

20. O RATO

CONTO

Coelho Neto



IVIA de esmolas num estreito e húmido quarto de estalagem, onde mal cabiam os móveis: a cama onde jazia prostrada pela moléstia, uma pequena mesa, duas velhas cadeiras e uma arca. Acompanhava-a o filho, um rapazola de nove anos, sadio e robusto, de uma tal viveza que todos na estalagem não o conheciam senão pela alcunha: o Rato.

Era um dos primeiros que acordavam e, ainda escuro, fazia toda a limpeza do aposento, mudava a água nas bilhas, deixava ao alcance da mão da paralítica a cafeteira e o pão, e saía cantarolando. Saía, porque a mãe, julgando-o ainda tenro e fraco para o trabalho e não dispondo de recursos para manter-se, pedira um atestado ao médico que, por misericórdia, a tratava, e, entregando-o ao pequeno, dissera: — Vai e fica à porta das igrejas: e aos que passarem mostra êsse papel e pede uma esmola para tua mãe.

O pequeno saiu, e, à noite, tornando a casa com algumas moedas, entregou-as à mãe; no mesmo momento, rompeu em pranto, atirando-se, soluçante, sôbre a velha arca.

A paralítica, atribuindo a angústia da criança à escassa quantia que trouxera, procurou palavras de consôlo: — Não chores, meu filho. Hás de ser mais feliz amanhã; o que trouxeste basta para passarmos o dia. Deus será por nós. Não chores.

O pequeno, porém, longe de consolar-se, afligiu-se ainda mais; e, à noite, a paralítica, que velava, ouviu ainda durante algum tempo os soluços do filho. De manhã, porém, cedo como de costume, levantou-se, e, depois do serviço, foi beijar a mão à velha enférma, e partiu.

Era tarde, quasi dez horas da noite, quando o Rato apareceu na estalagem, cantarolando.

A mãe, que passara o dia cheia de cuidados, mal o viu entrar, falou com certa severidade:

— Ah! meu filho, a que horas vens? Muito deves ter esmolado para que só às dez horas da noite voltes a casa!

O Rato, porém, risonho, beijou a mão da enfêrma, e logo, metendo as mãos nos bolsos, pôs-se a tirar moedas e notas, atirando tudo para cima da cama. A paralítica, sorrindo, disse: — Então! bem te disse eu que hoje havias de ser mais feliz, meu filho...

— Sim, minha mãe, fui muito mais feliz, principalmente porque ninguem me injuriou.

— Como! pois houve alguem que te injuriasse, filho!

— Sim, minha mãe, ontem. Como a senhora me havia ordenado, fui ficar à porta da igreja. Quando cheguei, já havia lá muitos pobres, uns cegos, outros aleijados; metí-me entre êles e logo começaram as injúrias, porque eu era uma criança sadia e forte que ia para alí vadiar, quando podia estar empregando o meu tempo em alguma coisa util. Uns mandavam-me para a escola, outros para a oficina; e, se aparecia alguem, vendo-me avançar com o papel na mão para pedir, empurravam-me, davam-me beliscões, e um atirou-me uma bordoada às pernas com a muleta.

Tudo isso, porém, fazia-me rir; o que me fez chorar foi o que me disse um velho que levava um pequeno do meu tamanho.

Quando eu lhe pedí a esmola, êle olhou-me carrando, meteu os dedos no bolso do colete tirou um niquel e ficou algum tempo a olhar-me; depois vagarosamente guardou a moeda e, puxando o menino, disse baixinho:

— Verás, vai daquí direito para a taverna...

O pequeno, mamãe, olhou-me de tal modo que eu sentí o sangue subir-me ao rosto e as lágrimas saltaram-me dos olhos. Vendo-me chorar, o pequeno teve pena de mim e falou ao pai. Pararam, e eu enxugava os olhos, quando ouví a voz do menino: — Toma! — Olhei, e vi que êle me estendia a moeda. Estive para recusar, mas olhava-me com tanta meiguice que não tive ânimo. Recebí-a, agradecí e guardei-a. Logo, porém, que os vi entrar na igreja, tirei-a do bolso, dei-a a um velho cego que estava sentado perto de mim, e descí. Descí os degraus, disposto

a voltar para casa, mamãe, mas lembrei-me de ti, lembrei-me de que nada havia em casa e pensei em pedir trabalho em algum lugar . . .

Foi então que encontrei o Vicente com um maço de jornais, apregoando. Pedí-lhe alguns, e, fazendo como êle, fui vendendo, e com tanta felicidade, que não me ficou um só. Êle, então, ficou de arranjar-me maior quantidade para hoje e não mentiu.

Passei o dia todo vendendo jornais, primeiro os da manhã, depois os da tarde; e, à noite, o Vicente convidou-me para acompanhá-lo até à porta do liceu, onde aprende e onde eu quero que mamãe me faça entrar, para que eu não ande a pedir aos outros que me ensinem a apregoar as notícias dos jornais. Hoje ganhei mais do que ontem: e estou contente, mamãe, porque ninguem me tomou por um vadio.

Quando eu for mais forte, irei para uma fábrica, e tu não terás necessidades, nem ninguem me falará mais com o desprêzo com que me falou o velho que me julgou tão mal . . .“

A paralítica, com os olhos rasos d'água, tomou a cabecinha loura do filho junto ao colo e, beijando-a, disse comovidamente:

— Fizeste bem, meu filho; fizeste bem, a humilhação é a peor das afrontas. Fizeste bem meu filho, e eu te abençôo.

Se os homens gastassem para fazer bem aos outros a quarta parte do que despendem para fazer mal a si mesmos, a miséria desapareceria do mundo.

Alexandre Dumas Filho

21. A Caridade

Rita Barreto



ÚLIA tinha três filhas: Ana, Amélia e Alzira.

No dia de Natal chamou-as e a cada uma deu 15$000, dizendo-lhes:

— Com êsse dinheiro podem vocês comprar o que lhes aprouver.

Ana comprou uma boneca.

Amélia comprou uma peça de fita e, com o resto do dinheiro, belos doces e sorvetes.

Alzira, tendo ido a casa de uma vizinha muito pobre e que estava com uma filha doente, deu-lhe todo o seu dinheiro.

A vizinha ficou muito contente, ajoelhou-se aos pés da menina, disse-lhe:

— Minha filha, Deus te abençoe! A minha pobre doente já não tinha mais remédio, e hoje talvez não pudesse tomar um caldo.

À noite Júlia estava na varanda com as filhas. Ana, muito alegre, mostrava a sua boneca; Amélia dizia que achava deliciosos os doces e sorvetes.

Alzira permanecia calada.

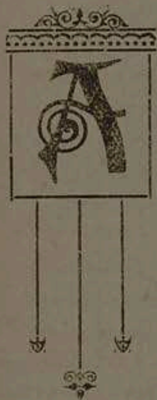
— Sabes, Mamãe, o que Alzira fez do dinheiro que lhe deste? — disse Ana. Deu-o todo à nossa vizinha, a Gertrudes! Que tola, não?!

— Talvez que eu seja tola, mas o contentamento que te dá a tua boneca, o prazer de Amélia ao saborear os sorvete e doces, estão muito longe da satisfação que tive ao ver sorrir a nossa pobre vizinha, quando lhe ofereci o dinheiro que iria dar conforto à sua querida doente!

— Tens razão, minha filha, disse Júlia, abraçando-a. Não há nada mais sublime do que a CARIDADE.

22. Pássaros

Valdemiro Potsch



NDAM em *5.000* as espécies de **pássaros** conhecidos no mundo. Para o total mencionado o Brasil concorre com mais de *900 espécies.*

De ordinário são pequeninos os pássaros, teem o bico de várias formas e inteiramente córneos. Apresentam os dedos muito delicados, sendo três voltados para diante e um dirigido para trás.

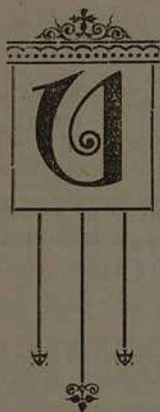
Muitos, sôbre nos deleitarem o espírito com melodíosos cantares, prestam imenso serviço à agricultura, porque livram as plantações de um sem número de insetos daninhos.

Ai de nós, se não fôssem as aves, principalmente os pássaros incansaveis, sempre à caça das larvas, destruindo os insetos, não consentindo na demasiada proliferação de tão pequenos, mas perigosíssimos inimigos da nossa lavoura. Mesmo os periquitos e os melros, que outra coisa não nos parecem fazer senão destruir as sementeiras, são dignos da nossa gratidão. Invadem, é certo, os arrozais, frequentam o milharal, comem e estragam muitas espigas, mas tambem nos livram de milhões de insetos que um mal infinitamente maior nos haviam de trazer. Sêde, pois, amigos dos pássaros, não os engaioleis jamais, deixai-os livres na imensidade a voar e a cantar, cumprindo a missão que a natureza a eles destinou de proteger as plantações contra as larvas, os gafanhotos e outros insetos.

Facilitar uma boa obra é o mesmo que fazê-la. — Maomé.

22. Anchieta

Mário de Lima



IVAM feras na terra inda inculta e feraz,
Freme a floresta ao som de inúbias e borés...
E os pagés de Jesús, entre os demais pagés,
Nas tribus vão semeando a Crença, a Luz, a Paz.

Tu, sôbre todos, tu, Apóstolo tenaz,
De uma raça infeliz intrépido Moisés,
Deixavas um clarão onde punhas os pés,
Na catequização do indígena voraz.

Plantaste no sertão mais uma árvore — a Cruz ;
E, milagroso e bom como o poeta de Assis,
Escrevias na areia, hinos, poemas, a flux...

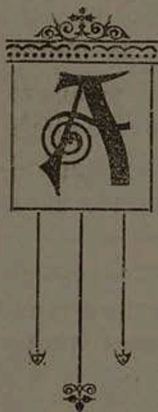
A sombra do teu vulto estendeu-se até nós...
Hoje a posteridade inteira te bendiz,
Bandeirante da Fé, na ara dos manitós.

O carater e a boa reputação formam-se de pequenos deveres cumpridos com fidelidade, de obrigação, de sacrifício, de atos de generosidade.

Samuel Smiles

24. A verdade

C. W. Armstrong



BDUL KADIL foi um sábio que viveu outrora na Pérsia. Contam os persas que, quando Abdul tinha apenas dez anos de idade, pediu licença a sua mãe para ir a Bagdad, a fim de estudar. A mãe deu-lhe, então, quarenta moedas de prata, pois era esta a parte que lhe tocava da herança de seu pai, morto alguns anos atrás; e o menino despediu-se da mãe, que lhe deu tambem este último conselho: — „Vai, meu filho, com a bênção de Deus e de tua mãe, e nunca, — aconteça o que acontecer, — nunca deverás mentir".

Isto Abdul prometeu solenemente, e partiu para Bagdad.

Perto da cidade de Hamadan êle foi preso por um bando de salteadores.

— Que dinheiro tens? — perguntaram.

— Quarenta moedas de prata, — respondeu o menino.

— Onde estão?

— Estão aquí, no fôrro de minha túnica, onde minha mãe as prendeu com costura.

Os bandidos riram-se. Pensaram que o menino os queria enganar, e levaram-no ao chefe.

— Que dinheiro tens? — perguntou-lhe o chefe.

— Já disse a êsses homens: tenho quarenta moedas de prata, e estão aquí no fôrro da túnica.

— E por que nos contas, com tanta fraqueza, o lugar onde tens o dinheiro? — perguntou o chefe.

— Porque jurei a minha mãe que, acontecesse o que tivesse de acontecer, eu nunca havia de dizer uma mentira.

— Menino, — disse o salteador, — deste-me uma boa lição. E's tão pequeno e não tens medo de falar verdade, nem és capaz de traír a tua mãe. Oxalá fosse eu tão fiel a meu Deus como tu a tua mãe!

E o chefe mandou soltar o menino, que seguiu seu caminho em paz.

Se quiserdes formar juizo seguro a respeito de um homem, observai primeiro quem são os seus amigos.

Fénelon

A instrução é dote que se não gasta, direito que se não perde, liberdade que se não limita.

Coelho Neto

25. Queres ser escoteiro



UERES gozar as delícias do campo? Chama o teu companheiro da esquina, o outro da rua próxima e mais outro e formareis assim a *patrulha* de 4 a 8.

Dentre todos escolhereis um para chefe. Feito isto, dirigí-vos ao campo, a fim de correr, saltar, respirar o ar puro e assim formareis o espírito de energia; aí conhecereis a natureza nas suas belas formas. conhecereis a vida dos animais, as nossas àrvores, nossas aves, nossas terras, nossos minerais e assim vivereis um pouco com a natureza, evitando o ar viciado da cidade, deixando o fumo, o álcool e as palestras futeis.

Faze tua ginástica no campo, enche teus pulmões de oxigênio puro. Vai viver!...

Não estàs uniformizado? Não importa! leva tua roupa larga e um bastão, reúne-te aos teus companheiros, e segue.

Com quatro companheiros formas uma *patrulha,* que será comandada por um dêles, que se chamará *monitor*. Dá à tua patrulha o nome de um de nossos animais Nomeia um sub-monitor para os teus impedimentos.

Trata teus comandados com delicadeza e carinho; ensina-lhes a serem bons para com o próximo, a auxiliarem os velhos e crianças e ensina-lhes alguns jogos ginásticos divertidos. Faze com que êles estejam sempre risonhos e sejam respeitadores. Estuda com êles as pegadas pelas estradas.

Procura instruí-los na previsão do tempo, a se orientarem pela bússola, pelo Sol, pela Lua, pelas estrêlas: ensina-lhes a conhecer as horas pelo Sol. Vai para o campo, faze a tua choça, aprende a fazer a tua comida, procura comer os frutos silvestres da tua terra, aprende a fazer o nó, para construír as tuas tendas e concertar alguma ponte; aprende a fazer a tua cama de folhas e armar tua barraca, e assim, moço, serás feliz, forte, alegre, honesto, ciente de teus deveres e, quando homem, serás o escoteiro da Pátria, o defensor da tua amada Bandeira.

Extr.

O escoteiro é econômico e respeitador do bem alheio.

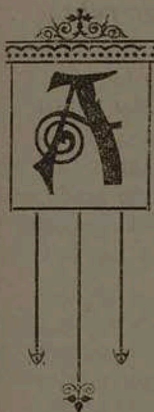
Do Código dos Escoteiros

A conciência é Deus no íntimo do homem.

Vitor Hugo

26. FERRO

Valdemiro Potsch



roupa que tendes, aquilo que comeis, os livros em que ledes é ao ferro que indiretamente deveis agradecer. De fato, sem o ferro não teríamos as fábricas que fornecem os tecidos de que nos vestimos. Sem êle, não haveria instrumentos agrários com que os lavradores plantam, capinam e colhem aquilo de que nos alimentamos. Sem êle, não se poderiam obter os maquinismos para imprimir os livros que ilustram a inteligência e alegram o espírito. Pois bem, o ferro que possuímos dá para abastecer o mundo inteiro em todas as suas necessidades, durante centenas e centenas de anos!

Minas, São Paulo, Mato Grosso e Rio Grande do Sul são Estados riquíssimos de ferro.

Encontram-se em Minas montanhas colossais, formadas únicamente dêste mineral. As maiores jazidas que lá existem são constituídas do minério de ferro denominado **oligisto**. Tambem é muito abundante em Minas *o itabirito*, uma rocha formada de quartzo e oligisto.

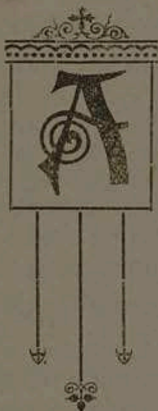
No reino mineral o ferro representa a maior riqueza do Brasil. O nosso país tem o 1°. **lugar** no mundo como produtor de ferro.

A amizade perfeita não pode existir senão entre os bons.

Aristóteles

27. Não condenemos sem provas

Rita Barreto



cozinheira de d. Augusta tinha uma filha de 12 anos.

Uma ocasião, d. Augusta sentiu falta de um par de brincos, jóia de grande preço que esquecera sôbre o toucador. Nenhuma pessoa estranha, nesse dia, tinha ido a casa. A cozinheira não saíra da cozinha.

— Quem tiraria a jóia? Sómente uma pessoa podia tê-la tirado: a filha da cozinheira que passara o dia brincando com as crianças e que havia entrado em todos os quartos.

— Se não aparecerem os meus brincos até à tarde darei parte ao delegado, — pensou d. Augusta.

Quando o marido chegou da repartição, ela contou-lhe o fato.

O sr. Guimarães, a princípio, não teve dúvida:

— Foi mesmo a filha da cozinheira!

A menina, porém, andava por todos lados indiferente, sem preocupação, brincando com as crianças como sempre.

D. Augusta acompanhava-a com o olhar e de repente pôs-se a refletir.

— Não vejo no rosto desta criança nada que me autorize a dela suspeitar. Se um dia, por um dêsses acasos tão comuns na vida, eu precisasse empregar-me e na casa em que estivesse julgassem minha filha, a minha querida Maria, capaz de um furto e a levassem à presença do delegado... Que horror, meu Deus! Que vergonha!... Não! Antes

perder a jóia do que levar, talvez injustamente, esta menina à polícia.

Nesse mesmo instante, o sr. Guimarães, que estivera tambem pensativo, aproximou-se da mulher e lhe disse:

— Tem paciência, Augusta! Guarda silêncio. Se perderes os teus brincos, eu te darei outros iguais. Estou observando esta rapariga desde que cheguei. No seu olhar firme e despreocupado, eu leio a inocência

Dias depois, foi encontrado o par de brincos, em um dos cantos do quarto, entre os brinquedos de uma das crianças.

D. Augusta então exclamou:

— Meu Deus! — Eu vos agradeço terdes iluminado, em tempo, o meu pensamento. Se eu tivesse feito aquela menina passar por tamanho vexame, o meu remorso seria eterno.

Ninguem é tão pobre que não possa fazer algum bem.

Paulo Mantegazza

O amigo apaixonado é, ordinàriamente, inimigo inexoravel.

Marquês de Maricá

28. O trabalho

C. W. Amstrong



M outros tempos, como hoje, o mundo tinha inveja do homem que prosperasse pelo fruto de seus trabalhos honestos. Na idade média, quando se acreditava na mágica, acusavam-se, às vezes, êsses homens de feitiçaria.

Cresini foi um lavrador italiano. Vivia na idade média, cêrca de quatrocentos anos atrás. As terras que lhe pertenciam davam colheitas admiraveis, e foi isto que despertou a inveja dos vizinhos.

— Êsse homem, — diziam êles entre si, — deve ser feiticeiro. Só com a mágica é que se tiram resultados como os que êle tira.

Prenderam, pois, a Cresini e levaram-no diante do juiz acusando-o de feitiçaria.

— Que tens para dizer? — perguntou o juiz a Cresini.

Êste chamou seus filhos, rapazes fortes e corados, apresentando-os ao juiz; mostrou-lhe tambem o seu arado e os dois bois fortes que o puxavam. Mandou tambem buscar as pás, enxadas e outras ferramentas do sítio.

— São estas as minhas testemunhas, — disse êle. Estes meninos arrancam as más hervas em meu sítio. Eu ponho estrume para fertilizar o solo. Conservo limpo e em bom estado o arado e a ferramenta, como v. excia. vê. Alimento bem o meu gado, para que seja forte. Trabalho eu tambem de manhã cedo até de noite, quer faça sol ardente, quer caia chuva. E' só esta a mágica que emprego; e meus vizinhos teriam resultados iguais, se tivessem o mesmo amor pelo trabalho.

O juiz achou que Cresini tinha falado bem e deu-lhe razão, absolvendo-o.

29. Vingança de martelo

(FÁBULA)

Baltazar Pereira



UM pedaço de ferro, ardente e incandescido
Da fornalha saíu e, à bigorna atirado,
Sem compaixão batido,
Negros males gemeu:

— Quando, martelo irado,
Me livrarei de ti? Sorte mesquinha e dura!
Tu me punges sem dó, calmo, implacavel, frio
No excesso da tortura
E que serei depois? Mudar-me-ás de feitio?
Serei barra ou varão? Serei varão ou chapa?

Venturoso de mais, do suplício tremendo
O pobre humilde escapa;
Tranforma-se em martelo e hoje — destino cego —,
Hoje de cima esquece os passados horrores,
Ferindo, arrebentando as cabeças de prego,
Surdo a gritos e dores.



30. Plantas e flores, frutos e sementes



TERRA é um tesouro maravilhoso do qual cada um de vocês pode tirar, com pequeno trabalho, proventos e utilidades sem conta. Toda a alimentação vegetal que o ser humano consome como alimento é da terra que nasce. Ela é pródiga no dar, opulenta no produzir. Em troca de pequena semente que se lança em seu seio, dentro em pouco a terra nos mostra o vegetal rico de folhas, farto de flores, sobejante de frutos.

Todo menino, nas horas de folga, deve cuidar da terra, revolvendo-a, adubando-a, entregando-lhe a semente, que germinará e dará a planta, que, por sua vez, há de florir e frutificar. E, para que assim proceda, deve a criança conhecer, de um modo geral, alguns elementos de botânica rudimentar. Tais conhecimentos são expostos nas linhas que se seguem.

Em quasi todos os vegetais há sempre quatro partes distintas, a saber: a raiz, o caule, as folhas e as flores.

A raiz é a parte da planta que se introduz na terra, servindo para fixar o vegetal. E' pela raiz que a planta tira da terra água e as partículas minerais que lhe servem de nutrição. Essas

partículas e essa água circulam no organismo da planta com o nome de seiva.

O caule é o corpo do vegetal e tem várias denominações. Nas árvores, de grossura regular e de forma cilíndrica e ainda ramifícadas, chama-se tronco; nas plantas delgadas recebe o nome de haste.

As folhas nascem do caule e dos ramos das árvores. Constam elas de três partes: limbo, pecíolo e baínha. Limbo é a lámina chata que forma pròpriamente a folha. Toda folha tem a parte superior lisa e a inferior áspera. Pecíolo é o suporte que prende o limbo ao caule. Baínha é a dilatação da base do pecíolo.

O fruto é a produção do vegetal que sucede à flor. Todo fruto se divide em duas partes essenciais, pericarpo e semente. Pericarpo é o que fica do fruto, tirando-se a semente. Esta é a parte por excelência do fruto. Lançada à terra, germina e dá origem a um novo vegetal semelhante àquele que a produziu.

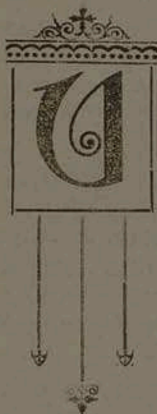
Eis, em poucas palavras, superficiais conhecimentos de botânica elementar, que todos os meninos devem aprender. E, possuidores de tais conhecimentos, não devem esquecer os cuidados que a terra reclama, tais são a rega, a ventilação e a adubação.

Extr.

Não se pode fazer o bem a todos, mas pode-se testemunhar a todos a benevolência.

Guyau.

31. Um contratempo util



M belo dia do mês de maio, Alexandre ia com seu pai dar um passeio que, havia quinze dias, era objeto de todas as suas preocupações. Êle se tinha levantado muito cedo, contra todos os seus hábitos, a fim de preparar o necessário para êsse passeio. Chegando, porém, o momento de realizar os seus desejos, o céu obscureceu-se, as nuvens acumularam-se, e um vento terrivel, curvando as árvores, levantava uma poeira extraordinária. Alexandre, a cada instante, ia ao jardim para observar o estado do céu, e, subindo os degraus da escada três a três, ia consultar o barômetro.

O céu e o barômetro eram contra êle; mas Alexandre foi dizer ao pai que o mau tempo desaparecia, deixando entrever o mais belo dia do mundo, para um magnífico passeio.

Seu pai, que não acreditava nos prognósticos do filho, entendeu ser melhor esperar. Nesse mesmo instante as nuvens rasgaram-se violentamente, e uma chuva torrencial caíu sôbre a terra. Alexandre, confundido, pôs-se a chorar, e não houve meio de consolá-lo.

Choveu até às três horas da tarde: as nuvens difundiram-se, o Sol apareceu, o céu mostrou toda sua serenidade, e a natureza respirou em fim a frescura da primavera. A cólera de Alexandre aplacara-se gradualmente como o horizonte. Seu pai levou-o ao campo, e a calma da natureza, o gorgeio das aves, a verdura dos prados e o perfume que exalavam, não sòmente lhe acalmaram o estado nervoso em que se achava, como o tornaram alegre.

— Não observaste, — disse-lhe o pai, — deliciosa mudança no que ontem te afligia o olhar: a terra esburacada por uma longa sêca, as flores murchas e toda a vegetação como que morta? A que devemos atribuír todo êsse movimento da natureza?

— À chuva que acaba de regar a terra, respondeu Alexandre.

A injustiça das suas queixas e a loucura do seu procedimento feriam-no vivamente ao pronunciar essas palavras. Alexandre enrubesceu; isto foi bastante para o pai compreender que a reflexão de seu filho era suficiente para ensinar-lhe que não se devia sacrificar o interêsse particular ao bom estar da humanidade.

Extr.

32. O PATRIOTA

Lemos Brito



patriota serve a seu país na paz como na guerra.

Na guerra, luta e morre por êle. Na paz, empenha todas as suas energias para serví-lo e engrandecê-lo.

O operário, que dia a dia moureja na oficina ou na usina; o escritor, que propugna as causas mais nobres e advoga as reformas que apressarão as vitórias morais de seus concidadãos; o estadista, que sacrifica a popularidade para impor uma lei cujo alcance a massa geral do povo dificilmente perceberá; o criador, que apura, pela seleção, o gado de suas pastagens, como o inventor de processos melhores para a conservação dos produtos destinados à exportação; o comerciante, que capitaliza e alarga o seu negócio, dando trabalho e consumo ao trabalho de centenas de trabalhadores; todo aquele que, na sociedade, na eminência dos cargos públicos ou na obscuridade do campo ou da oficina, leva ao altar da Pátria o resultado de um esfôrço honesto e dedicado; todo o que assim exalta a espécie humana, cooperando para o rápido crescimento das riquezas nacionais, para o aperfeiçoamento, intelectual e moral, de sua Pátria, é um patriota, e pratica o verdadeiro, o são patriotismo.

Amarás a Deus sobre todas as coisas.

Do Decálogo

33. O sapateiro e o rei



MA fábula do Oriente nos conta que, perto do pálacio dum rei, morava, em uma miseravel cabana, um sapateiro. O rei, quando passava pela cabana do sapateiro, sempre notava que êste cantava, trabalhando. Um dia, o rei parou e falou ao sapateiro:

— És rico? — perguntou.

— Não possuo senão quatro vintens, Majestade, — respondeu-lhe o homem —, e com êsses quatro vintens comprarei a minha ceia.

Mas, por que cantas, se és tão pobre?

O sapateiro não soube responder, e começou mesmo a pensar que era tolo, estando assim contente com tão pouco dinheiro.

O rei então, com generosidade, mandou dar ao pobre homem uma bolsa com dinheiro, dizendo-lhe:

— Toma lá cem libras, para teres verdadeiro motivo de contentamento.

O sapateiro ficou de boca aberta. Nunca em sua vida tinha visto tanto dinheiro. Depois de agradecer ao rei a sua bondade, o nosso homem tratou de pôr o dinheiro em lugar seguro.

Levou-o à adega, e passou o resto do dia vigiando, para que ninguem viesse roubar-lhe o seu tesouro. Dormiu na adega pelo mesmo motivo; mas, no dia seguinte, lembrou-se de levar o dinheiro ao banco. Tinha medo, porém, de ser atacado na rua, pois todos os vizinhos sabiam de sua fortuna, e algum dêles poderia tentar roubar-lha. Por isso passou os dias e as noites na adega, vigiando sempre o seu ouro. Começou a ficar acabrunhado e nervoso. De noite sonhava que vinham ladrões à procura do ouro, e saltava do leito de palha que, no canto da adega, tinha arrumado.

Passando o rei outra vez pela casinha do sapateiro, notou que êle não estava mais na porta, trabalhando e cantando. Mandou chamá-lo e notou que estava transformado quasi em esqueleto. A cara era pálida e os olhos pareciam saltar-lhe das órbitas.

O rei perguntou o motivo dessa transformação.

— Ah! Majestade! — respondeu-lhe o sapateiro, — rogo-lhe que aceite outra vez o seu ouro. Prefiro o sossêgo e o trabalho sem cuidados.

O sapateiro então devolveu ao rei a bolsa com o dinheiro, e, no dia seguinte, podia-se vê-lo de novo a trabalhar.

Extr.

---

84. A OBEDIÊNCIA

Coelho Neto



OR falsa compreensão do que seja a ordem, que tudo rege harmoniosamente, há quem se insurja contra a obediência, entendendo ser aviltante toda a submissão. Êste assunto da liberdade, que tanto interessa ao homem, é dos que mais sofrem comentário ainda que, examinado serenamente, seja dos mais simples e inteligiveis.

A vida é uma viagem por mar sempre agitado, ainda nos dias de maior bonança.

Assim como vai o navio, assim nos conduzimos nós e, qualquer que seja o destino que levamos, se não nos fiarmos na bússola, que nos aponta o norte, e no piloto, que põe o leme no roteiro, qualquer corrente nos desviará do rumo, levando-nos a rochedos ou atirando-nos à costa e, levantada a procela, não nos saberemos safar dos ventos nem evitaremos os vagalhões, sossobrando inevitavelmente.

O navio tem a fôrça das máquinas, que o propulsionam, e dispõe ainda da reserva do velame, leva em seu bojo riquezas, vai carregado de gente e todavia, ainda que nele viajem reis, o que o governa é a bússola e ninguem discute a manobra que faz o pilôto ao leme. E assim todos chegam seguramente ao termo da viagem.

O mesmo é obedecer na vida ao que a dirige e, onde todos se submetem, não há senhores nem escravos.

O asseio é a elegância do pobre — **Provérbio inglês**

35. Na aula de leitura

J. Pinto e Silva



O pretinho Benedito era um distinto aluno dum grupo escolar.

Havia começado a lição de leitura.

Quando chegou a vez de Benedito ler, o professor notou que êle chorava.

— Que é isso? — perguntou-lhe o mestre.

— Nada, nada, — respondeu o menino. E principiou a ler, mas não póde continuar.

Um outro menino, que sabia o que se havia passado, falou:

— Benedito não quer acusar ninguem, mas êle tem razão em chorar. Um colega insultou-o muito, no recreio, e ainda lhe disse: Negro não é gente. Muitos meninos concordaram com o insulto.

— Foi um tolo quem lhe disse isso, — tornou o professor. Ainda mais tolos foram os que concordaram.

Ora, ouçam uma historia, e depois me digam se negro não é gente.

Quando o Brasil passou para a Espanha, foi, duas vezes, invadido pelos holandeses.

Da primeira vez êles estiveram um ano em nossa terra, na Baía.

Era governador Diogo de Mendonça Furtado.

Graças aos esforços do bispo D. Marcos Teixeira e de outros patriotas, foram os invasores expulsos de nossa Pátria.

Da segunda vez estiveram aquí muitos anos.

Foi no tempo em que Matias de Albuquerque governava Pernambuco.

Era Matias de Albuquerque um general cheio de valor e de energia.

Adversário temido dos holandeses, combateu contra êstes quasi todo o tempo da guerra.

Se não fôssem o valente Matias de Albuquerque e outros grandes homens, com certeza, os holandeses não teriam mais saído de nossa terra.

Só depois de muitos combates é que foram obrigados a retirar-se.

Dentre os heróis que expulsaram os holandeses, houve um muito valoroso. Além de patriota, era valente como um leão.

Uma vez, numa batalha, foi êle gravemente ferido numa das mãos. Julgando o ferimento ter sido feito por um projetil envenenado, mandou amputar a mão ferida e continuou a peleja.

Êsse herói, êsse bravo, era um negro chamado Henrique Dias.

— Agora me digam se negro não é gente?

Ninguem respondeu, mas os colegas que tinham ofendido a Benedito, foram, um por um, pedir-lhe desculpas.

O professor elogiou êsses meninos pelo seu belo procedimento, e continuou:

— Para terminar, quero que conheçais ainda os nomes de outros bravos da guerra holandesa em nosso país. Foram êles, entre outros: Antônio Felipe Camarão, André Vidal de Negreiros, Cardoso e o grande João Fernandes Vieira.

Ama o trabalho; se não precisares dêle para o teu sustento, poderás necessitar para a tua saúde.

W. Penn

36. ORAÇÃO PELA PÁTRIA

Luiz Guimarães Júnior



Deus, que tantas nações creaste,
Que tantos povos glorificaste,
Na longa história que o mundo encerra!
O' Deus clemente, não desampares
O amor que habita em nossos lares!
Cobre de bênçãos a nossa terra!
Terra de sol, de estrêlas e de rosas,
Quando dormes, feliz, em plácido abandono,
O Cruzeiro do Sul das noites gloriosas
Abre os braços de luz, para benzer-te o sono!

O' Deus, que fazes a vida e a morte!
Torna esta Pátria ditosa e forte
Dos verdes campos à verde serra!
E reine eterna felicidade
Em cada vila, cada cidade
E cada aldeia da nossa terra!
Terra de infindos céus e gigantes montes,
Quando dormes, exhausta, em plácido abandono,
O Cruzeiro do Sul, dourando os horizontes,
Abre os braços de luz, para benzer-te o sono!

O' Deus, a Pátria será contigo...
E se a Bandeira correr perigo
Entre os funestos clarões da guerra,
O' Deus, ó fonte dos bens supremos,
Pela Bandeira nós morreremos,
Beijando a terra da nossa terra!
Terra das nossas mães! Pátria bendita e pura,
Quando dormes, feliz, em plácido abandono,
O Cruzeiro do Sul, que sôbre ti fulgura,
Abre os braços de luz, para benzer-te o sono!

37. Não furtarás

Almeida Garrett



ÃO colhas essa flor.

— Porque?... se ela é tão bonita!

— Porque não é tua.

— Mas, em eu a apanhando.

— Não fica mais tua por isso.

— Porque?

— Porque o dono dêste jardim cultiva as flores para si e não para nós. Se êle fôsse ao nosso jardim e nos apanhasse as nossas, de sorte que, quando fôssemos passear, as não achássemos, gostarias disso?

— Não.

— Pois o mesmo diz êle, e o que não queremos que nos façam, não devemos fazer aos outros.

Repara na formiga, gastador; observa a sua vida e sê sábio: ela, não tendo guia ou diretor, provê a sua comida durante o verão e reúne alimentos no tempo da colheita.

Dos Provérbios — IV

✻. A RUA

Rita de M. Barreto



RNESTO era um menino modêlo. Em casa só procurava dar sossêgo aos pais e ajudá-los no que podia.

No grupo foi sempre o primeiro aluno da classe. Na rua tinha procedimento irrepreensivel. Jamais alguem viu rir-se de um aleijado, deixar de tirar o chapéu às pessoas de idade, ou ceder a calçada às senhoras e aos velhos.

Êste bom menino gostava muito de cinema, mas seus pais, muito pobres, não o podiam mandar muitas vezes a êsse divertimento. Cada mês, depois de receberem o ordenado, mandavam o filho ao vesperal do primeiro domingo.

Uma vez ia Ernesto descendo a rua das Palmeiras em direçao do Real, e à sua frente caminhava o sr. Cardoso, um homem não muito velho, mas com as pernas inchadas do reumatismo. Por isso, encostava-se a uma bengala, que de repente se lhe escapou da mão e caíu.

Por mais esfôrço que fizesse, não pôde pegá-la. As suas pernas inchadas e doloridas não lhe permitiam curvar-se muito.

As pessoas que estavam por alí não se incomodaram.

Ernesto, assim que viu a aflição daquele homem doente, correu em seu auxílio e apanhou-lhe a bengala.

Cheio de agradecimento, o sr. Cardoso segurou-lhe no queixo e perguntou-lhe:

— Onde moras? Quero que os meus filhos vão visitar-te amanhã e conheçam o menino bondoso, que sabe proceder na rua melhor que muito homens.

Ernesto quis escusar-se; mas, sob a insistência do sr. Cardoso, contou-lhe a rua e o número de sua casa. No dia seguinte êle recebeu a visita dos filhos daquele senhor. Vinham convidá-lo a passar o dia em sua chácara. À tarde, quando ia voltar para casa, o sr. Cardoso lhe deu uma entrada permanente num cinematógrafo muito bom e frequentado do qual era proprietário.

Salve, bandeira do Brasil, querida,
Toda tecida de esperança e luz!
Pálio sagrado, sob o qual palpita,
A alma bendita do País da Cruz!

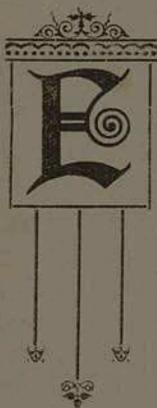
D. Aquino Corrêa

Se quereis ver absolutamente respeitados os vossos direitos, cumprí escrupulosamente os vossos deveres.

Daniel Ross

39. Dia 21 de abril

J. Pinto e Silva



RA num grupo escolar.

Os alunos se achavam no vasto pátio de recreação. Estavam à espera das aulas. Uns conversavam, outros pulavam, outros jogavam bolinhas: todos, muito alegres e satisfeitos.

À fresca sombra duma frondosa figueira, conversavam Renato e Guilherme.

— Renato, por que motivo não houve aula ontem?

— Pois não sabes, Guilherme ?!

— Não; não compareci, ante-ontem, ao grupo.

— E' verdade ! Já não me lembrava ! Mas não importa. Vais já saber o que desejas.

E Renato começou.

— Ontem não houve aula, em honra à memória dum grande brasileiro.

— E quem foi êsse brasileiro, Renato?

— Foi um verdadeiro patriota. Amava tanto sua Pátria, que por ela derramou seu sangue.

— Como assim ?! — interrompeu Guilherme.

— Já te digo: no tempo dêsse homem, Portugal ainda era senhor do Brasil. Não tratava, porém, de desenvolver nosso belo país. Só queria tirar-lhe as riquezas.

Vendo isso, brasileiros ilustres resolveram
rnar o Brasil independente de Portugal.
Para êsse fim formaram uma conspiração,
n Minas Gerais.
Daí devia rebentar uma grande revolução
)ertadora de nossa Pátria.

Então o govêrno português mandou prender
dos êsses brasileiros. Foram êles condenados
morte. Esta pena foi, porém, perdoada, menos
ıra um dêles, conhecido por Tiradentes.
Cláudio Manoel da Costa, Tomaz Antônio
onzaga, Alvarenga Peixoto e outros seus ilus-
es companheiros não foram executados.

Entretanto, uns no exílio, outros na prisão,
)loroso martírio sofreram êsses heróicos bra-
leiros.
— Mas, por que razão Tiradentes não foi
ɛrdoado, Renato?
— Porque, para livrar seus companheiros,
ıamou toda a culpa sôbre si.
— Que herói! — exclamou Guilherme.
— Herói mesmo, — confirmou Renato. E
)mo herói subiu à forca no dia 21 de abril de
'92. Como vês, Guilherme, Tiradentes foi uma
tima do amor da Pátria. É por isso que memo-
mos o dia 21 de abril, dia da sua morte. Eis
razão do feriado de ontem.

Delém, delém, delém . . .

Era a sineta que anunciava a entrada das
ılas.
Os dois amiguinhos se separaram imediata-
ente.
Dalí a pouco os alunos desfilavam, silen-
osamente, caminho das classes.

---

40. O velho rei

CONTO

Olavo Bilac



OUVE, em tempos que já vão longe, um rei poderoso, senhor de muitos povos e de muitas léguas de terras. Ainda que viajasse sem cessar por muitos e muitos anos a fio, não conseguiria êle correr todos os seus domínios. E, todos os povos o temiam, porque era conhecida de todo o mundo a fama das suas riquezas. De mês em mês, chegavam ao seu palácio os emissários dos súbditos, trazendo-lhe, com as homenagens dêles, os presentes riquíssimos: marfim e pérolas, ouro e diamantes, sedas e rebanhos. Os seus celeiros estavam tão abundantemente providos de grãos que êle poderia, numa época de fome geral, abrindo-os a todos os seus vassalos, que não tinham conta, alimentá-los fartamente durante todo o ano.

Êsse poder sem limites e essa riqueza sem termo haviam embriagado a alma do velho rei.

Já se não supunha homem, mas Deus. Tanta gente via a seus pés, adorando-o, que o seu coração se habituara a desprezar a humanidade, imaginando que ela só fôra feita para o servir e temer. Só se lembrava dos súbditos para os oprimir. Aumentava os impostos e alargava as prisões. E a sua mão direita, que tanta gente podia fazer feliz, distribuindo esmolas e bênçãos, sómente servia para assinar sentenças de morte. Condenava à pena última cem homens, sem ler ao menos os seus nomes. E, se os lia, esquecia-os dalí a um minuto, para só pensar na febre de festas e de loucuras, em que empregava as noites e os dias e em que perdia a saúde e a alma.

E sucediam-se as festas. Do escurecer ao alvorecer, o seu palácio, imenso como uma cidade, suntuoso como um templo, resplandecente de luzes como um céu estrelado, ecoava o barulho das danças, da música e do tinir dos copos.

Um dia, no esplêndido terraço, em que costumava dormir à sesta, o velho rei tinha diante de si uma lista de acusados. Não sabia nem queria saber quem eram, se eram inocentes ou criminosos, se tinham cometido alguma falta, ou se eram apenas homens ricos, cuja fortuna os seus ministros cobiçavam. E preparava-se para, com indiferença, assinar a lista, quando se deteve a olhar um momento o filho mais moço, que brincava junto dêle.

Era um principezinho louro e branco, de olhos azues e inocentes como os de um anjo. Ajoelhado sôbre o mosaico precioso, que ladrilhava o terraço, estava inclinado para um aquário, e divertia-se vendo dentro dêle os peixes dourados que nadavam. O velho rei, com um sorriso que lhe iluminava as barbas, ficou mirando com amor a criança, tão bela e tão casta, filha do seu sangue e da sua alma. E tinha, esquecida na mão, a pena fatal, de cujo bico pendia a vida de tantos homens.

De repente o principezinho teve uma exclamação aflita. O rei viu-o curvar-se mais sobre o aquário, e meter na água as mãozinhas ansiosas. E a criança veio para êle, segurando, com as pontas dos dedos, alguma coisa que se não via, de tão pequena que era.

Olha, pai, salvei-a, ia afogar-se... salvei-a!

O velho rei curvou-se para ver o que o filho trazia na mão. Era uma mosca feia, negra, pequenina, miseravel, nojenta. Tinha as asas molhadas e não podia voar. O principezinho colocou-a na palma da mão microscópica, e virou-a para o lado do Sol. Daí a pouco, a mosca reanimou-se e voou. A criança batia palmas.

— Não fiz bem, pai? Não é um crime deixar morrer uma creatura qualquer, por falta de piedade... Pai? Disseram-me que há homens que se matam uns aos outros... Pai? como é que se póde ter a maldade de matar um homem?

E o principezinho fixava no velho rei os seus olhos, azues e inocentes como os de um anjo.

Nessa tarde, o velho rei não assinou nenhuma sentença de morte.

---

41. O CASTIGO DO CEDRO

(FÁBULA)

Baltazar Pereira



GRITA o cedro orgulhoso:
— Eu sou do excelso monte
A majestade, el-rei!
Glória estranha e suprema!
Longe, longe de tudo elevo a minha fronte
À vastidão dos céus!
Coroa o meu diadema
A floresta sombria...
Nos meus ramos pousada a águia exhausta descansa
Tranquila, noite e dia,
Poleiro de confiança,
Quando a subir de mais voeja sem diretrizes...
E o homem? Negro destino,
Destino de infelizes,
Humilde e pequenino,
Arrasta-se no lodo!
O homem apura o ouvido.
Dói-lhe o escarninho atroz, dói-lhe o sarcasmo ousado,
E abate sem ter pena o cedro envaidecido,
A golpes de machado.

42. Economia

Coelho Neto



ÃO se confunda economia com avareza: a primeira é virtude sábia, a segunda é miséria sórdida.

Econômico é o açude onde se represam as águas das cheias para rega da terra nos dias secos; avaro é o pântano que ajunta em rebalso toda a água que lhe vai ao leito, não para aproveitá-la no tempo da esterilidade, mas com o fim único de a ter junta, apodrecendo e infestando a vizinhança com a sua exalação daninha.

O açude é a reserva da previdência o pântano é o confisco da ambição.

O que poupa tem sempre; o que enterra não aproveita nem deixa os mais aproveitarem.

A formiga, sempre inculcada como exemplo da avareza, é o espelho mais límpido da economia: sem privar-se do bastante no verão, não receia o inverno, porque tem celeiro.

E não é demais repetir que o verão é a mocidade e a velhice o inverno.

O econômico não se abstem do necessário, como o avarento, mas tambem não desperdiça, como o dissipador.

O avaro tem ambas a mãos fechadas, o perdulário tem-nas ambas abertas; o econômico dá a cada uma o seu exercício: se abre a direita para as despesas, guarda na esquerda as sobras.

Os dois primeiros não se aprumam, porque pendem para um ou para outro lodo, só o último equilibra-se na ordem.

43. Relações e deveres entre irmãos

Mme. PERMOND

Meus queridos filhos.

Vamos agora dizer algumas palavras sôbre os deveres e relações entre irmãos, pois vocês devem uns aos outros auxílio e proteção. Nosso dever é fazer de vocês homens honrados, bons cristãos e procurar dar-lhes no mais que pudermos uma educação sólida, que lhes permita conseguir situação honrosa. Não estaremos, porém, sempre ao seu lado, e um momento chegará para vocês em que a vida se lhes há de mostrar com todos os seus aborrecimentos, suas preocupações, provavelmente alguns de vocês serão mais bem aquinhoados do que os outros, sob o ponto de vista de felicidade e fortuna, segundo a inteligência e sobretudo conforme seu trabalho e boa conduta.

Nunca deverão deixar seus irmãos na desgraça, sem lhes irem em socorro: é neste momen-

to que começam suas obrigações; e rejeitá-los, apesar das faltas que pudessem ter cometido, seria o modo de atraír a maldição de Deus e a reprovação de todas as pessoas de bem.

Quem virá em socorro de seus irmãos, se não forem vocês? Não corarão vocês, vendo estranhos preencherem os deveres que lhes cabiam?...

Se não estivermos mais entre vocês, meus queridos filhos, vocês devem substituír-nos e procurar arranjar para seus irmãos uma posição honrosa, por todos os meios que estiverem a seu alcance, como fariam para vocês mesmos ou para seus filhos, com afeição e de-delicadeza, e não de uma maneira humilhante.

E' claro que seria indigno de qualquer de vocês abusar da dedicaçõo de seus irmãos e aproveitar da bondade dêles, para viver na preguiça, tendo mau procedimento e sendo-lhes um pêso constante.

Não preciso, porém, demorar neste assunto, meus queridos filhos, vocês teem sentimentos

muito elevados e muito coração para chegarem a tanto.

Para se sustentarem mùtuamente nas necessidades da vida e receber a bênção de Deus, precisam estimar-se, queridos filhos, estimar-se muito; entreter boas relações de família entre vocês mesmos, viver muito unidos, aconselharem-se e ajudarem-se com bondade.

O trabalho do homem é tanto mais produtivo, quanto mais cultivada a sua inteligência.

Horácio Greeley

Quando Deus precisa de educar um homem, manda-o à escola da necessidade e não à do favor.

Orison Marden

44. AOS DESAMPARADOS

Francisco Viana



U tenho muita piedade
De ver sòzinhas nas ruas
Essas crianças de idade
Inda tão tenra e já nuas,

Sem um lar para abrigá-las,
Sem um pão para comer,
Sem ter mães para beijá-las,
Sem ter no mundo um prazer.

Tão pequeninas, coitadas,
Não veem o vácuo profundo
Que já as traz afastadas
Das regalias do mundo!

Por isso, quando as diviso
A carregarem a cruz,
Eu peço aos céus um sorriso,
Eu peço ao Sol muita luz;

Que os raios não sejam tredos
Nas noites de tempestade,
Que os ventos fiquem bem quedos,
Que as ampare a caridade;

Que tudo e tudo na terra
Lhes seja bom e propício.
E que as belezas que encerra,
Lhes sejam doce epinício.

Eu peço à bela natura
Que, nessas almas douradas
De uma inocência tão pura,
Lance a luz das alvoradas.

Brotai, intensos carinhos,
Nas almas cheias de amor,
P'ra que elas julguem seus ninhos
Como o crisol de uma flor.

O homem que aproveita o fracasso como lição torna-se invencivel.

Orison Marden

45. Sete de setembro



Pátria saúda festivamente a aurora dêste dia.

De um a outro extremo da Nação Brasileira, um grito de alegria irrompe em todos os lares.

Um cântico de glória é entoado por todos os patriotas, comemorando a grande data de 7 de setembro de 1822

A imagem dos grandes antepassados revive na imaginação de todos, e seus feitos, seu desiterêsse, seu devotamento para com a Pátria, tudo é comentado com justo orgulho e ufania.

São assim os grandes feitos inspirados no amor da Pátria: divinizam os heróis, revestem de fulgor os nomes dos batalhadores pelo seu progresso, dos pugnadores de sua liberdade.

E como é louvavel todo êsse nobre e elevado culto!

Como são merecedores de nossas bênçãos aqueles que, abandonando as comodidades do lar, arriscando posições, sacrificando interêsses de toda a sorte, cogitaram de dar à Pátria novos destinos, aos cidadãos a segurança de seus direitos.

Observai bem: todas as conquistas posteriores são consequência do 7 de setembro.

Todos os progressos alcançados depois são a resultante do patriótico esfôrço dos homens de 1822.

Foi uma geração de fortes. Nomeá-los todos é difícil. José Bonifácio de Andrada e Silva, padre Diogo Feijó, Clemente Pereira, Evaristo da Veiga simbolizam essa plêiade ilustre de abnegados patriotas, que, nos diversos momentos da história, concretizaram a aspiração nacional.

Cada ano que passa, mais aumenta a veneração dos presentes para com os homens do passado, de cuja orientação decorreu como resultante o grito de — Independência ou Morte — que tornou a Pátria livre.

Quanto maior for o nosso progredir de nação livre, tanto maior o brilho e entusiasmo com que saberemos saudar a data gloriosa de 7 de setembro.

Quando tiverdes conhecimento mais completo de nossa história, de nossas condições de nação, dos grandes recursos de que a nossa Pátria dispõe, sabereis ainda melhor, estou certo, compreender a importância do feito que tão gloriosamente é festejado em todo o Brasil.

Extr.

Pensem, embora, os outros de ti o que quizerem, procede conforme te parecer justo.

Pitágoras

O ocioso é como um relógio sem ponteiros: quer trabalhe, quer esteja parado, é sempre inutil.

Cawper

46. O que devemos aos que trabalham

C. Wagner



UE devemos àqueles que trabalham? Aos pedreiros devemos nossa casa; ao alfaiate, nossas roupas; aos lavradores, o pão; aos vinhateiros o vinho. Devemos a lenha aos lenhadores e aos mineiros o carvão. Os caminhos por onde andamos, o teto sob que dormimos, a cadeira em que nos assentamos, tudo isso devemos aos que trabalham.

Não há, em uma grande cidade, um metro quadrado que não seja ocupado por algum fruto do labor humano.

Se sabemos alguma coisa, é aos laboriosos que o devemos. Se possuímos algumas idéias justas e boas, é aos pensadores, aos pesquisadores que cabe toda a honra. Todos os progressos são devidos ao trabalho. Sem êle, os homens estariam ao nivel dos brutos, e dos brutos que não trabalham, porque muitos dêles são admiraveis exemplos de labor e de habilidade, como as abelhas e as formigas.

A ordem é o melhor auxiliar do trabalho.

C. Wagner

47. Canção do exílio

Casimiro de Abreu



U nasci além dos mares:
Os meus lares,
Meus amores ficam lá!
— Onde canta nos retiros
Seus suspiros,
Suspiros o sabiá!

Oh! que céu, que terra aquela,
Rica e bela
Como o céu de claro anil!
Que seiva, que luz, que galas,
Não exalas,
Não exalas, meu Brasil!

Oh! que saudades tamanhas
Das montanhas,
Daqueles campos natais!
Daquele céu de safira
Que se mira,
Que se mira nos cristais!

Não amo a terra do exílio,
Sou bom filho,
Quero a Pátria, o meu país,
Quero a terra das mangueiras
E as palmeiras,
E as palmeiras tão gentís!

Como a ave dos palmares
Pelos ares
Fugindo do caçador;
Eu vivo longe do ninho,
Sem carinho,
Sem carinho e sem amor!

Debalde eu olho e procuro...
Tudo escuro
Só vejo em roda de mim!
Falta a luz do lar paterno
Doce e terno,
Doce e terno para mim.

Distante do sólo amado
— Desterrado —
A vida não é feliz,
Nessa eterna primavera
Quem me dera,
Quem me dera o meu país!

48. Uma lição bem aproveitada

J. Pinto e Silva



OU ver a lição de leitura para amanhã, — disse um professor a seus alunos. Muita atenção.

Houve um silêncio profundo na classe.

Abram os livros à página 27, continuou o professor. Êste, que já tinha aberto o seu, continuou;

„Um rei foi obrigado a retirar-se do país que governava.

Deixou em seu lugar um filho de apenas cinco anos do idade.

Já se vê que a criança não podia dirigir-se ainda. O rei, antes de partir, deu-lhe, pois, um tutor.

Enquanto o principezinho não podia governar, o país era administrado por meio de regências.

O povo estava dividido em partidos. Um partido não queria os governos regenciais; outro queria a volta do rei; já outro não queria nem uma nem outra coisa.

Era uma desordem geral.

Apareceu, então, um grande homem que, pela sua inteligência e energia, conseguiu alguns momentos de paz. Era um padre, e foi um dos melhores regentes do país.

Depois as desordens continuaram.

O príncipe já estava com quinze anos de idade.

Começou aí a governar.

Prudente, bondoso e inteligente, obteve, com muito custo, a paz tão desejada".

Neste ponto o professor interrompe a leitura e diz:

— Qual de vocês, meus meninos, será capaz de me dizer quem era o rei que se retirou do país que governava?

— D. Pedro I, — respondeu um aluno chamado Gustavo.

— Bravo! Gustavo! Justamente.

— E o país?

— O país era o nosso estimado Brasil, — responderam outros alunos.

— Muito bem, meus amiguinhos. Agora, quem me dirá o nome de principezinho.

Ninguem respondeu.

— Era Pedro, tambem, mais tarde D. Pedro II, imperador do Brasil.

O padre, de quem falámos, chamava-se Diogo Antônio Feijó. Foi um dos regentes que governaram o Brasil, enquanto D. Pedro II era criança.

Acabava de soar a sineta para o recreio.

A leitura ficou interrompida, mas a lição foi bem aproveitada.

Não há grande povo que não possua grande valor.

Miguel Couto

49. A raposa e a onça

(Fábula indígena)



A raposa achava-se um dia a espairecer pela floresta, quando lhe chegaram aos ouvidos uns roncos estranhos: Ui! ui! ui!

— Que será aquilo? — disse de si para si. Eu vou ver...

Indo verificar o que era, viu que quem assim tão lastimosamente gemia era uma onça que se estorcia dentro de uma lapa, sem achar meio de escapar-se, devido à impossibilidade de remover, sòzinha, uma enorme pedra que lhe impedia a passagem.

A onça, mal avistou a raposa, foi-lhe dizendo em tom suplicante:

— Eu fui gerada aquí dentro dêste buraco: cresci e agora não posso saír. Ajuda-me a retirar esta pedra.

A raposa prontamente se prestou a fazer o que a onça lhe pedira e, retirada a pedra, saíu a onça do buraco.

A raposa, vendo-a fóra, já livre, perguntou-lhe:

— Que me pagas, agora, pelo serviço que te prestei?

A onça, que estava com fome, respondeu lhe:

— Agora eu vou-te comer.

E, agarrando a raposa, perguntou-lhe:

— Com o que é que se paga um bem?

Ao que retrucou a raposa:

— Sempre ouví dizer que o bem se paga com o bem. E acrescentou:

— Alí perto há um homem que sabe todas as coisas. Vamos até lá e submetamos a êle a questão.

Caminharam então em direção a uma ilha próxima e, lá chegadas, a raposa contou ao homem que havia tirado a onça de um buraco e que esta, como paga, a queria comer.

— Eu a quero comer, disse a onça, porque o bem se paga com o mal.

E o homem disse:

— Está bem! Vamos ver a tal cova.

E lá seguiram os três. Chegados à beira da cova, o homem disse à onça:

— Entre, que eu quero ver como você estava.

A onça entrou.

O homem, então, ajudado pela raposa, rolou a pedra e a onça não pôde mais saír.

E o homem então disse à onça:

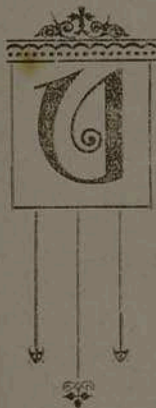
— Agora você fica sabendo que o bem se paga com o bem.

E retirou-se com a raposa, e a onça lá ficou dentro da cova.

Apaixona-te pela exatidão. Vinte coisas feitas por metade, não valem uma só bem feita.

Orison Marden

50. LAFFITTE



M rapazinho paupérrimo dirigiu-se um dia a importante casa bancária de París a pedir emprêgo. Disse-lhe o banqueiro que infelizmente não o podia admitir; todos os lugares estavam ocupados.

Ia-se retirando o candidato, cabisbaixo, muito desconsolado, quando viu brilhar no chão um alfinete. Abaixou-se, apanhou-o e pregou-o na gola do casaco.

Vendo isto, o banqueiro compreendeu logo que o rapaz era dotado, pelo menos, de duas grandes virtudes: a ordem e a economia. Que melhores qualidades para um empregado de banco?

Chamou-o e deu-lhe imediatamente um emprêgo modesto. Em pouco tempo, porém, o rapaz subiu de postos e chegou afinal a ser chefe de uma casa bancária de grande valor, — o célebre banqueiro francês Jacques Laffitte.

O exemplo deste jovem é digno de ser imitado por aqueles que querem ganhar a partida da vida.

Ai dos que o mundo encontra sem método e sem economia!

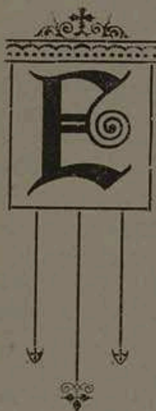
Não levam os dois melhores auxiliares e arriscam-se a trabalhar em vão . . .

Um povo inculto não pode repelir a invasão do solo pátrio pelos cultos.

Miguel Couto

51. O ALTRUÍSMO

C. W. Amstrong



M uma rua estreita do bairro mais pobre de Londres, algumas crianças brincavam, correndo e gritando, alegres.

Eram pobres, não vestiam senão trapos, e, entre elas, nenhuma estava calçada. Mas estes meninos estavam alegres, correndo e brincando de pé no chão, porque nunca conheceram coisa melhor.

Uma velha arcada, que tambem não trazia senão farrapos, atravessava a rua.

Ela parou um instante, apanhou alguma coisa no chão, pôs num saco que levava, e passou adiante.

Um policial olhava, e, suspeitando que a pobre mulher houvesse achado uma carteira ou uma bolsa que pretendia guardar, dirigiu-se a ela para interrogá-la.

— Que é que levas aí nesse saco? — perguntou o policial.

A velha hesitou um instante, e então mostrou-lhe no interior do saco, alguns fragmentos de vidro: uma garrafa quebrada.

— Para que serve isto?

A mulher respondeu: — Tirei o vidro para que as crianças não se machucassem.

Esta velha, apesar de pobre e desgraçada, pensava nos outros: era altruísta.

A higiene do corpo e a higiene da alma são inseparaveis.

Rui Barbosa.

52. O PERIQUITO

Luiz Pistarini



ILHA, deram-to. E' teu. Mas tem paciência.
Tem dó: soltemos êsse passarinho...
E' tão bonito, sim! mas que inclemência
Prendê-lo aqui, nesta corrente, anjinho!

Quem sabe se êle é pai, se a sua ausência,
Triste, não chora o pobre filhotinho?
Demais, bem vês que é uma feroz violência
Privá-lo, em fim, de regressar ao ninho.

Deixemo-lo partir; upa! ei-lo voando!
Como vai presto, como vai sem medo,
Retas fazendo e curvas delineando!

Choras?! — Paciência!... Que fazer, querida?
— Isto é para que aprendas, desde cedo,
A ser piedosa e a ser compadecida.

Não invertais a economia do vosso organismo: não troqueis a noite pelo dia, dedicando êste à cama e aquela às distrações.

Rui Barbosa.

53. O velho, o menino e a mulinha

Monteiro Lobato



velho chamou o filho e disse: — Vai ao pasto, pega a bestinha ruana e apronta-te para irmos à cidade. Quero vendê-la.

O menino foi e trouxe a mula. Passou-lhe a raspadeira, escovou-a bem escovadinha e partiram os dois, a pé, puxando-a pelo cabrestro, pois queriam que ela chegasse descansada para melhor impressionar aos compradores.

— Esta é boa! — exclamou um viajante de botas, ao avistá-los. O animal vazio e o pobre velho a pé! Que propósito! Será promessa, penitência ou caduquice?

E lá se foi a rir.

Achou o velho que tinha sua razão o viajante e ordenou ao filho:

— Puxa-a tu só. Eu monto e assim tapo a boca do mundo.

Tapar a boca do mundo, que bobagem! Compreendeu isso o velho logo adiante, ao passar por um bando de lavadeiras, ocupadas em bater roupa num riacho.

— Que graça! — exclamaram elas. O marmanjão montado, com todo o sossêgo, e o pobre menino a gramar no duro... Êle, um velho! Há cada pai malvado por êste mundo de Cristo... Credo!...

O velho danou, e sem dizer palavra, fez sinal ao filho que subisse à garupa.

— Quero só ver o que dizem agora...

Viu, olá se viu!... Izé Biriba, estafeta do cor-

reio, cruzou com êles e, parando, de boca aberta, exclamou:

— O que mais não se vê! Querem vender o animal e montam os dois de uma vez... Assim, meu velho, o que chega à cidade não é mais uma mulinha, é a sombra da mulinha...

O velho concordou.

— Êle tem razão, meu filho, precisamos não judiar do animal. Apeio eu e vais montado só tu, que és levezinho.

Assim se fez e caminharam em paz um quilômetro, até encontrar um sujeito bem parecido que, tirando o chapéu, saudou o pequeno respeitosamente:

— Bom dia, príncipe!

— Por que príncipe? — indagou o menino.

— E' boa! Porque só príncipes andam assim, de lacaios à rédea!

— Lacaio, eu, — esbravejou o velho. — Que desafôro! Desce, desce meu filho, e carreguemos o burro às costas. Talvez isto contente o mundo...

Nem assim. Um grupo de rapazes, vendo a estranha cavalgada, acudiram em tumulto. E vaiaram.

— Hu! hu! Olha a trempe de três burros, dois de dois, e um de quatro! Resta saber qual dos três é mais burro!...

— Sou eu, — replicou o velho, arriando a carga. — Sou eu, porque venho há uma hora fazendo, não o que quero, mas o que quer o mundo. Agora, porém, farei o que me manda a conciência, pouco me importando que o mundo concorde ou não. Já vi que morre doido quem procura contentar a todos...

Oração e trabalho são os recursos mais poderosos na creação moral do homem. Rui Barbosa

54. O Escotismo



É na infância que se prepara o homem. O que se obtem com brandura na idade tenra dificilmente se consegue, ainda mesmo com violência, na maturidade. Dá-se ao novedio a posição que se deseja; o tronco é inflexivel e, como cresceu, assim fica; apolega-se o barro, enquanto húmido e dúctil; endurecido ao sol, já se lhe não modifica a forma.

Assim é o carater.

O homem, como os elementos, é uma fôrça que se dirige e aplica: deixado a si mesmo, degenera em puro instinto; aproveitado e corrigido, sublima-se em virtudes. Se o diamante se lapida, por que se não há de polir o espírito?

Os exemplos são moldes nos quais se deve formar a alma da criança. O que se adquire na infância — virtude ou vicio — integra-se no carater e nele desenvolve-se, tornando-se, com o tempo, hábito ou feição moral.

Os antigos, que tanto se preocupavam com o homem, que é a medula das pátrias, tomavam-no, a bem dizer, no berço e, submetendo-o a um regimen austero desde os rigores da intempérie até a indiferença pela morte, exercitando-o em jogos atléticos, firmando-lhe na consciência os principios da honra, que começa no respeito ã si mesmo e culmina no culto da Pátria, tiravam dêle o cidadão perfeito.

Foi essa intensa cultura eugênica que deu ao mundo o modêlo por excelência do tipo humano: belo, sadio, corajoso, varonil e honesto — o „virtuoso", em fim.

A escola, que instrue, deve fazer parelha com o ginásio, que educa, para que o aluno, passando por êsses dois filtros, entre na vida como entrou Minerva, padroeira de Atenas, armado e esclarecido.

O escotismo é uma instituição de energia, tendo por base a fôrça, mas a fôrça inteligente que se chama Dever, governada pela disciplina.

O escoteiro, assim como se robustece nos exercícios ao ar livre, apura os sentidos, desenvolve as faculdades e aprimora os sentimentos; torna-se sociavel, fraternizando com os companheiros no convívio que os liga intimamente pela cadeia da solidariedade.

O escoteiro é uma sentinela atenta, que não só vigia como ainda acode aos acidentes com o socorro pronto: assiste solícito junto a quem quer que sofra e, à maneira de Robinson, tudo aproveita e converte em utilidade, aparelhando-se com o que se lhe depara.

Assim o escoteiro em ação improvisa, habil e destro, tudo de que carece: galhos e ramos bastam-lhe para armar uma tenda: constrói uma ponte sólida com cipós e varas; fogo, tira-o das pedras; ata um armadilho de fibras em nó que se não desliça; embrecha umas andas para transporte de feridos com o que lhe dão as árvores; sabe a virtude medicinal das hervas e das raízes; prepara uma refeição ligeira e pensa um ferimento que corrige uma entorse. Caminhando com a bússola ou olhando as estrêlas, orienta-se no mais embrenhado silvedo como no páramo

mais deserto; e, em perigos, sendo atalaia, esperto e subtil como o Pequeno Polegar, para avistar ao longe trepa as árvores, oculta-se-lhes nas franças e, por vozes de pássaros ou por sinais, comunica-se com os companheiros.

Acompanhado sempre da Bandeira, cresce junto dela, cantando, como oração heróica, o Hino Nacional, e, fiel ao juramento que lhe prestou, não ousa cometer falta pela qual possa ser arguido diante do pendão veneravel, que é tudo para êle, porque é o símbolo da Pátria.

De tal escola saem os infantes que serão os homens de amanhã: seres de têmpera viril, tão uteis na paz pelo que aprenderam brincando, como serão bravos na guerra pela resistência que adquiriram no corpo com os exercícios, na alma com a perseverança na disciplina, que é a cadência da ordem.

Assim, essa instituição heróica e generosa é a escola primária do civismo, na qual se devem matricular todos os meninos brasileiros que, amando o seu País, queiram aprender a bem serví-lo e honrá-lo.

Extr.

Trabalhai, porque a vida é pequena,
E não há para o tempo demoras!
Não gasteis os minutos sem pena!
Não façais pouco caso das horas!

O. Bilac

55. Germinação

Valdemiro Potsch



ARA que a semente germine e possa desenvolver-se, dando um vegetal semelhante àquele que a produziu, ela precisa de **ar, água e calor.** Além dessas condições, a semente deve estar bem constituída e amadurecida. Necessàrio se torna tambem que *vivo* esteja o *embrião.*

Se puserdes na água a ferver a semente do feijão ou outra qualquer, e a deixardes aí durante algum tempo, o embrião morrerá. Podeis então plantar a semente; ela, porém, apodrecerá na terra e o feijão não nascerá. A água a ferver matou o embrião.

Nas sementes bem constituídas e amadurecidas o embrião está vivo, mas num estado de verdadeirro sono, a que se dá o nome de **vida latente**. Quando plantamos as sementes na terra humedecida, a pouca profundidade, o embrião acorda e começa a germinar. Daí a algum tempo, a plantazinha aparece na superfície do solo em busca de liberdade, à procura da luz.

Se plantasseis a semente em uma cova muito profunda, ela, entretanto, não nasceria. Por que? Porque nas camadas muito profundas do solo o ar não penetra, e a *semente* tem necessidade de ar para **respirar, viver e germinar.**

Se a plantasseis em uma terra muito sêca, ela não nasceria tambem. Por que? Sem água

os tegumentos que envolvem a semente não se rompem, e não põem em liberdade o embrião encarcerado; sem a água não se dissolvem as matérias nutritivas com que o embrião se vai alimentar.

Se plantasseis a semente em uma cova rasa e humedecida, mas, se depois de uma camada de terra todos os dias colocasseis um bloco de gelo, perderieis a semente. Por que? Para que as matérias nutritivas do albumen e dos cotilédones possam ser digeridas e servir ao embrião, é preciso um certo grau de calor.

A semente, tendo ar e água, mas faltando-lhe calor apodrecerá. Nem nós, nem as plantas, nem as sementes, podemos viver sem um certo grau de calor. A temperatura muito alta, porém, pode matar o embrião, assim como pode matar os animais.

O trabalho vos há de bater à porta dia e noite; nunca vos negueis às suas visitas.

Rui Barbosa

O trabalho fecundo não exige muitos planos, exige um plano nítido e seguro.

Samuel Smiles

56. Os Jesuítas

Humberto de Campos



Hóstias, cruzes, o altar... À frente o Lenho,
Rosário à mão, acompanhando a fila
De brônzeos naturais de agreste cenho,
Entram, rezando, a solidão tranquila.

Chegam à aldeia. No sagrado empenho
Falam de Deus. O Principal vacila...
Batizam; plantam; brota a cana; — é o Engenho...
Vêm portugueses e o Ouvidor; — é a Vila...

Para tanto, porém, quanto suplício!...
Quantas perfídias de Capitães-móres!...
Quanta vida de Santo em sacrifício!...

Embora!... A Cruz, quando fechar os braços,
Há de dizer a séculos melhores
Que a Civilização seguiu seus passos!...

Ainda que o trabalho, só, não baste para haver felicidade, a felicidade é impossivel sem o trabalho.

54. O amor de Deus e o de nossos pais



Helena e Teófilo eram extremamente adorados por seus pais, e os recompensavam com o amor mais terno que um filho pode ter.

Mas, havia alguns dias, tinham tomado o hábito de ir ao fundo do jardim assim que acabavam de almoçar, e não voltavam de lá senão um quarto de hora depois para começar os seus estudos.

Esta conduta despertou a curiosidade do pai. Seus filhos, até então, eram os mais obedientes e estudiosos; e êle tinha sabido tornar-lhes o trabalho tão agradavel que muitas vezes deixavam o almôço para começarem a estudar mais cedo as suas lições.

— Esta mudança me inquieta, — dizia êle à sua esposa; — se nossos filhos se habituarem à ociosidade, perderão dentro em pouco as felizes disposições que haviam mostrado até aquí, e veremos esvaecer-se não sòmente o nosso amor como todas as nossas esperanças.

Um suspiro foi a resposta de D. Feliciana.

E no mesmo dia perguntou a seus filhos: — Que vão fazer no fundo do jardim? Pois então não podem brincar depois da hora do estudo?

Helena e Teófilo não responderam, mas abraçaram a mãe como até então não tinham feito.

No dia seguinte de manhã, julgando-se longe dos olhos indiscretos dirigiram-se para o fundo do jardim. Sua mãe esperava êsse momento; acompanhou-os de longe, sem ser vista. Ao chegar junto de uma espessa plantação de

bambús, procurou esconder-se no meio da folhagem de modo que seus filhos não a descobrissem. Qual não foi a sua alegria ao ver seus filhos de joelhos, as mãos postas, recitando a seguinte oração:

„Meu Deus! Fazei com que nossos pais não morram antes de nós. Nós os amamos tanto e teremos tanta satisfação de torná-los felizes quando formos grandes!

„Tornai-nos bons, justos.

„Ouví nossas súplicas, meu Deus! Desejamos obedecer aos vossos mandamentos".

Após esta oração, levantaram-se, e, depois de se abraçarem com afeição, voltaram para casa.

Ao longo das faces de sua mãe corriam lágrimas de alegria.

Foi ver seu espôso e, apertando-o contra o seio, contou-lhe a sublime cena de amor filial a que acabava de assistir. Sentiram-se tão felizes como se tivessem sido repentinamente transportados às delícias do paraíso.

A família e a escola são elementos harmônicos, ambos creadores, precisando ter afinidades estreitas, entendimentos mútuos, idéias comuns.

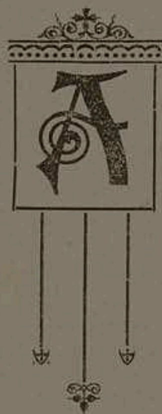
Melo Viana

O cuidado do corpo e o cuidado da alma não são dois deveres, são duas partes no mesmo dever

Teleffe Boroks

58. OS BANDEIRANTES

Carlos Góis



SSIM se chamavam os homens que, no século XVII, se internaram pelo sertão do Brasil à procura de minas de ouro e pedras preciosas.

O nome Bandeirantes provém de uma bandeira que era empunhada pelo chefe do bando: essa bandeira era um pano desfraldado, ordinariamente de côr, trazendo, às vezes, uma insígnia ou brasão.

Os Bandeirantes foram verdadeiramente os colonizadores do Brasil: a êles se deve a propagação da língua portuguesa aos limites extremos de nosso território, o descobrimento das minas, a fundação de cidades, o povoamento do solo, numa palavra a colonização do Brasil.

Vinham quasi todos de S. Paulo e da Baía, que nessa época, eram simples ca-

pitanias: eram, pois, brasileiros, filhos já do país, amando o Brasil como sua pátria, e perfeitamente aclimados com as intempéries do sertão.

Chamava-se sertão a porção territorial que ficava no interior do país, completamente desconhecida, habitada por índios selvagens, alguns dêles antropófagos; por feras daninhas, por cobras venenosas e ainda assolada por febres de mau carater chamadas sezões ou maleitas.

Para abrir caminho pelo sertão, os Bandeirantes vinham munidos de facões, foices e outros intrumentos. Para transpor um rio, — ou o passavam a vau (se o rio não era fundo), ou alí mesmo improvisavam uma balsa em que se transportavam para a outra margem.

Alimentavam-se de caça do mato, de frutas silvestres, de mel de abelha, do peixe dos rios, etc.

A sua jornada compreendia dois períodos: o do tempo das águas e o do tempo da sêca.

A época das águas era o período das chuvas — chuvas que alagavam os campos, faziam transbordar os rios e empapavam a terra.

Não podendo seguir viagem, que faziam êles?

Arranchavam num pouso, isto è, numa espécie de chapada ou planalto abrigado do ventos.

Armavam aí as suas barracas, roçavam o mato, semeavam o milho, o feijão, a ervilha, a abóbora. Ao cabo de quatro ou seis meses (exatamente quando cessavam as chuvas), já a plantação estava formada: era só colher os cereais e com êles abastecer os seus alforges.

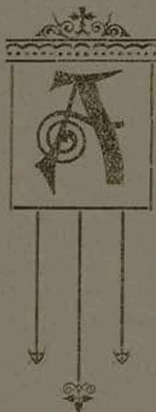
Tinham provisões para outros seis meses, que era o tempo da sêca.

O que mais nobilita o homem é a conciência do trabalho que êle executa.

Schiller

59. A ÁRVORE

Craveiro Costa



árvore é uma manifestação da bondade de Deus para com os homens: dá-lhes o teto, o lume, o alimento, a saúde, a arma de defesa, os meios de transporte, a fôrça motriz da indústria. A árvore, feita caravela, trouxe Cabral ao Brasil e a primeira que os portugueses abateram na floresta brasileira foi transformada em Cruz, o grande símbolo da Fé cristã, da Fé que nos ficou no coração, imprimindo ao carater nacional o sentimento de fraternidade.

Nas fábricas alimenta as máquinas que fazem a nossa grandeza industrial; no povoado é o embelezamento das vias públicas e grande geradora de oxigênio, que nos dá saúde; no deserto é o refúgio do caminheiro extenuado pela ardência solar; nos mares é o navio que nos transporta a todos os pontos da terra e o batel que nos salva do furor das ondas; no lar é a mesa em que comemos, a cama em que dormimos, o mobiliário todo em que o homem transformou o tronco bruto, requintando os primores das concepções artísticas. Vemo-la nos templos — é o Altar e a Cruz; temo-la em nós mesmos — em nosso corpo, na nossa roupa que vestimos; em nosso cerebro, nos livros que estudamos.

Bendita seja a árvore!

À sombra da árvore os gauleses praticaram os seus ritos e veneraram os seus deuses. A floresta centenária era-lhes a catedral, de imensas colunas anosas a sustentarem gigantescos zimbórios esmeraldinos, por onde o Sol coava os seus raios de ouro sôbre as cabeças brancas dos drúidas prosternados. Depois, de um tronco rude, trabalhado pelos executores da justiça dúbia de Pilatos, surdiu à face da terra o grande emblema do Cristianismo, igualando os homens pela Fé e renovando o mundo nas suas crenças milenárias.

Amai e defendei a árvore, crianças, protegendo o seu crescimento; nunca maltrateis, quebrando-lhes os galhos, arrancando-lhes as flores, tirando-lhes os frutos verdes, e nunca, a derrubeis sem uma necessidade de imediato aproveitamento.

Assim como defendemos o nosso corpo e protegemos a nossa saúde, para que a vida se nos prolongue, assim a árvore precisa que o homem a defenda, para que seja verdadeiramente util.

Essas, aquí plantadas, para vos dar sombra e vos dar oxigênio, ficam entregues aos vossos cuidados. Não devem, por isso, ser protegidas por grades de ferro, porque a vossa proteção é que as deve amparar.

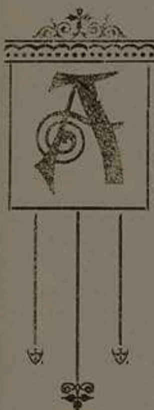
As grades serviriam para defendê-las contra os animais e os meninos sem educação.

Protegei-as, para que cresçam depressa, vigorosas e belas e os seus ramos ensombrem o vosso recreio, permitindo que os vossos brinquedos se tornem mais saudaveis.

O homem só é verdadeiramente grande, quando é humilde.

Bazin

60. Antônio Gonçalves Dias



ntônio Gonçalves Dias foi um dos mais distintos poetas do Brasil.

Êsse inspirado brasileiro nasceu na cidade de Caxias, no Estado do Maranhão em 1823. Feitos os primeiros estudos, foi a Portugal, onde se formou em jurisprudência na Universidade de Coimbra. Como estudante ocupava sempre Gonçalves Dias o primeiro lugar. Sentindo vivas saudades da sua Pátria, voltou em 1845 ao Brasil

No Brasil foi nomeado professor de história do Brasil do Colégio D. Pedro II, e viajou como explorador no norte do Brasil. Antônio Gonçalves Dias escreveu muitas obras importantes. Compôs: "A canção do exílio", "Adeus aos meus amigos do Maranhão", um dicionário da língua tupi e vários dramas, etc. Tambem fez traduções do francês, do espanhol e do alemão.

Adoecendo gravemente, partiu em 1862 para a Europa, a fim de tratar de sua saúde. Como, porém, sua doença peorava cada vez mais, quis, a todo o custo, voltar para a Pátria. Por isso embarcou diretamente para o Maranhão. Mas, à vista do Maranhão, nas costas do lugar chamado Astins, o barco em que vinha naufragou, morrendo aí desgraçadamente o poeta, em 3 de novembro de 1864, aos 41 anos de idade.

Extr.

Se o mal que de ti disserem for verdadeiro, procura corrigir-te; se for calunioso, sorrí e desdenha.

Epicteto

161. O SEGRÊDO NACIONAL

B. de Souza



NADA existe mais importante para o soldado do que saber guardar, com perda da própria vida, os papéis secretos que lhe forem parar às mãos.

E' um ponto de honra da vida militar, como a própria coragem. O segrêdo nacional exige todos os sacrifícios e aquele que, para o salvar, não souber afrontá-los, é indigno de vestir uma farda.

Não há traição mais infame que revelar ao estrangeiro e principalmente ao inimigo documentos que interessam à defesa da Pátria.

Por isso devemos defendê-los, custe o que custar e aconteça o que acontecer.

A morte do 1°. tenente Américo Silvado, em 1867, em frente ao forte de Curuzú, tem portanto um cunho de heroísmo conciente e refletido, digno de ser relembrado.

Era êste oficial o comandante do encouraçado *Rio de Janeiro.*

Havia já dois dias que êste navio sofria o vivo fogo das baterias de Curuzú, a que respondiam os canhões de bordo.

Resistia galhardamente o encouraçado brasileiro, quando de repente, em uma evolução, bateu em um torpedo submerso no rio.

A terrivel explosão abriu-lhe o casco, num rombo enorme.

Era fatal; o *Rio de Janeiro* sossobrava.

O comandante Silvado, de pé, dirigia o salvamento das praças e dos oficiais, em botes. Êle aguardava-se para o fim.

Nisto, quando já o navio se afundava, o comandante lembrou-se de que na sua câmara estavam papéis importantes e que poderiam ser apreendidos. Desceu à câmara para salvá-los.

Foi: mas não teve tempo de tornar ao convés, porque o *Rio de Janeiro*, adernando, sepultou com êle o seu bravo comandante, figura viril de lealdade aos interêsses da sua Pátria.

62. Violetas

Marquês de Sapucaí



DA planta que mais prezavas,
Que era, filha, os teus amores,
Venho, de pranto orvalhadas,
Trazer-te as primeiras flores...

Em vez de afagar-te o seio,
De enfeitar-te as lindas tranças,
Perfumarão esta lousa
Do jazigo em que descansas.

Já lhes falta aquele viço,
Que o teu desvêlo lhes dava...
Gelou-se a mão protetora
Que tão fagueira as regava...

Desgraçadas violetas,
A fim prematuro correm...
Pobres flores!... tambem sentem!
Tambem de saudades morrem!

63. A INDEPENDÊNCIA

C. W. Amstrong



OUVE num pomar duas arvorezinhas, uma bonita e outra feia. A bonita o dono do pomar meteu num pote e pô-la na estufa, para melhor se desenvolver. No ar quente e perfumado da estufa ela cresceu rapidamente, e em poucos meses as raízes já não cabiam no pote. Então o dono **a** levou outra vez ao pomar, plantando-a novamente ao lado da outra.

A árvore bonita escarneceu então de sua vizinha, dizendo:

— Ah! tu és mais feia do que nunca. Olha para mim: como sou bonita; o dono vem ver-me todos os dias, trazendo os amigos para chamar-lhes a atenção sôbre a minha beleza. Eu já para o ano darei frutas, e tu ... talvez nunca!

A outra nada respondeu. Ficou, de fato, envergonhada da sua fealdade ao lado da linda vizinha.

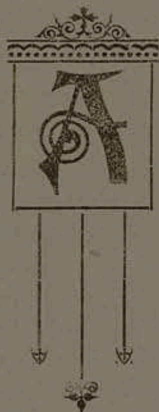
Mas, na noite seguinte, caiu uma geada inesperada e a árvore bonita, que estava acostumada ao calor da estufa, morreu. O dono, quando chegou de manhã ao pomar, veio encontrá-la toda enegrecida e feia, ao passo que a outra ainda estava verde.

Virou-se então para a árvore sobrevivente, dizendo:

— Afinal, tu és a que mais vale hoje das duas. Tu, se não em um ano, em dois me darás frutos. Em seguida, mandou derrubar a árvore morta, que foi servir de lenha.

Assim o menino que aprende, à fôrça de cuidar de si, mais valor terá, quando for homem, do que aquele que se cria no meio de luxo e de carinhos. Aquele será independente, êste dependerá sempre do auxílio dos outros.

64. AS ARAUCÁRIAS



árvore típica do sul do Brasil é a araucária. Pinheiro gigantesco, eleva sua coma, espalmando as ramas como um guarda-sol, muitos metros acima da superfície do solo.

O viandante que chega à orla do campo contemplará do lombo da cochilha, as copas inumeraveis das araucárias, a perder de vista.

Nos meses do inverno, nas estações da estrada-de-ferro que passa ao pé dos pinhais, vêm mulheres e crianças vender pinhões aos passageiros. E não é essa a menos apreciavel das gulodices que se podem comprar em viagem. Todavia é boa regra, quando se viaja, não comprar tudo o que se vê ou se deseje, que nos ofereçam à beira da estrada. Cria-se um mau hábito, que prejudica a regularidade e sobriedade na alimentação.

Por entre os pinhais, divisam-se frequentemente os tetos de madeira das casuchas dos colonos, construídas à moda européia, o que empresta à paisagem do

sul um aspeto bem diferente do das outras regiões do Brasil.

E, modernamente, grandes estabelecimentos industriais se construíram no âmago dos pinhais, onde maquinismos aperfeiçoados reduzem os colossos da floresta a táboas e vigas, que, ressecadas em estufas a vapor, são logo transportadas para as cidades do país e para o estrangeiro, como excelente madeira de construção.

O madeiro é cortado mecanicamente no mato e arrastado para o depósito de madeira, junto à serraria, esperando a vez de entrar para a serra.

Tomando-se na mão uma lasca do lenho tão comum, que facilmente se corta a canivete, tão próprio para o fôrro das casas, para o fabrico de caixões e de mobília leve, a madeira de pinho — saberemos que ela é oriunda do sul do Brasil, donde se exporta hoje em larga escala.

O lenho da araucária é muito resinoso, cortado por largos veios avermelhados, de que se desprende cheiro pronunciado de terebintina.

O nó de pinho, já o sabemos, é excelente combustivel.

---

65. Os três grãos de milho

CONTO

Coelho Neto



ERTO mancebo, cuja infância venturosa fôra o mimo dos pais, perdendo-os, achou-se só no mundo, sem amparo nem conselho, tendo, por haveres, as terras ferteis dum sítio onde havia um paiol abarrotado de milho.

Julgando que nunca esgotaria tamanha provisão, deixou-se ficar em casa, a comer e a dormir, vendendo, a quem o buscava, o milho que herdara.

As terras, abandonadas, foram perdendo o viço, e o mato, crescendo vigoroso, em pouco sufocou as sementeiras.

Uma manhã, ainda nos dias fartos, estava o soberbo e preguiçoso herdeiro a balançar-se na rede, quando um pobre homem passou pedindo uma esmola.

Era um desgraçado que habitava na vizinhança, tendo apenas uma choça e alguns palmos de terra.

O herdeiro, ouvindo a voz do pobre, longe de compadecer-se, sorriu e, por esmola, atirou-lhe, com desprêzo, três grãos de milho.

Foi-se o pobre sem dizer palavra, e o preguiçoso ficou-se a rir, balançando-se na rede.

Correram tempos. Já o mato bravo chegava à casa e o rapaz, fiado sempre no paiol de milho, vivia descuidadamente, quando, recorrendo ao celeiro, achou-o vazio, porque toda a provisão havia passado às mãos dos compradores.

Só então, compreendendo a sua miséria e sem ânimo de atirar-se ao trabalho, descoroçoado, pôs-se a lamentar-se e chorava, quando viu chegar em um formoso cavalo, um homem forte e bem pôsto que, ao dar com êle em tão miseravel condição, deteve o animal e perguntou:

— Que tendes? Por que assim vos lamentais?

— Morro à mingua! — soluçou o infeliz. Tinha um sítio fertil e as hervas más tomaram-mo. Tinha um paiol abarrotado de milho e esgotou-se. Nada mais possuo.

— A culpa é vossa, — disse o cavaleiro. Julgando que nunca acabaria a herança que tivestes de vossos pais, abandonastes a terra que, dantes, não negava frutos. Se não vos sentís como ânimo para cuidar do sítio, vendei-mo. A mim darão bom prêmio as terras que dizeis estereis, e, como pegam com o meu sítio, faz-me conta comprá-las para dilatar a minha lavoura. Entremos em ajuste. E combinaram. Justamente no dia em que o rapaz recebia do homem o preço estipulado, perguntou-lhe o comprador:

— Sabeis com que dinheiro vos pago? Com o que me deram os três grãos de milho que, desprezivelmente, me atirastes. Levei-os comigo e, como não tinha ferramenta, com as próprias mãos fiz uma cova na terra e a terra devolveu-me o depósito muitas vezes dobrado.

Plantando os grãos que me vieram, consegui um canteiro, deu-me o canteiro um roça — deu-me a roça um campo e fui sempre trocando os lucros por novos benefícios: primeiro em sementes, depois em gado, depois em máquinas e hoje, com êles, adquiro as terras de onde saíu o capital modesto com que comecei a grangear fortuna.

Vêde agora o que fiz com os três grãos de milho e perseverança no trabalho e comparai com o que vos acontece, não obstante haverdes possuído terras vastas e um grande paiol repleto de cereal. Não soubestes aproveitar os bens que herdastes e, mais uma vez, com a vossa desgraça, fica confirmado que a fortuna, seja embora incontavel, cede à miseria, quando é mal dirigida.

O ouro foge por entre os dedos como a água, e a terra é um cofre seguro e maravilhoso que restitue centuplicado o benefício que se lhe faz.

Sem mais dizer — e dissera o bastante — o lavrador deu de rédeas ao cavalo e foi-se.

36. Músculos

Valdemiro Potsch



carne que cobre os ossos não é formada de uma só massa, mas de **numerosos** pedaços, grandes, médios e pequenos, os quais sempre chamareis de *músculos*.

Os ossos do esqueleto **não teriam um só movimento sequer**, se não fôssem os músculos que neles se acham inseridos, e que ora se encurtam ou contraem, ora se alongam ou distendem, segundo a nossa vontade.

A corrida que efetuamos, um abraço que damos, uma flor que colhemos, são movimentos produzidos pela contração ou distensão dos músculos do corpo. E, conforme o movimento que fazemos, é determinado músculo ou grupo de músculos, que entram em função.

Mas nem todos os músculos do corpo obedecem à vontade.

Se alguns se contraem, quando queremos, outros, mesmo quando estamos a dormir, como os músculos do *estômago*, dos *intestinos*, etc., se distendem ou contraem, e nenhuma influência sôbre êles podemos exercer.

67. Pinheiros

Rodrigo Júnior



UANTOS pinheiros por esta serra!
Encontro-os sempre onde quer que vá.
Há um tão alto, alto que aterra,
Outro pequeno tão verde, há...

Longe do mundo, do mal, da guerra,
Viver com êles que bom será!
Oh! os pinheiros da minha terra
Lindos pinheiros do Paraná...

E quando emigram as andorinhas
No mês de maio, mês de novena,
E' um gôsto vê-los cheios de pinhas.

Baixinho ao vento cantam seus ais...
E que doçura nesta serena
Música etérea dos pinheirais!

Sêde severos para convosco próprios, indulgentes para com os outros.

Confúcio

68. O FERREIRO



ASSANDO uma ocasião, lá pelas quatro horas da madrugada, diante da oficina de um ferreiro, o sr. Teixeira ouviu repetidas marteladas. Quis saber o que o obrigava a trabalhar até tão tarde e perguntou-lhe se não podia ganhar a vida durante o dia, sem prolongar o trabalho até aquelas horas.

— Não é para mim que trabalho, — respondeu o ferreiro, — é para um vizinho meu que foi vítima de um incêndio. Levanto-me todos os dias duas horas mais cedo e deito-me duas horas mais tarde, para provar àquele infeliz o quanto me interesso por êle. Se os meus meios o permitissem, já teria remediado o seu infortúnio; mas não possuo senão a minha oficina e ela é o meu único meio de vida Trabalhando quatro horas mais por dia, isso representa no fim da semana o valor de dois dias de trabalho que lhe posso emprestar.

Como atualmente o trabalho não falta, e os meus braços ainda são vigorosos, tenho a maior satisfação em poder auxiliar aqueles que não podem trabalhar.

— Isto é muito generoso, meu amigo, — disse-lhe o sr. Teixeira, — porque, segundo parece, o seu vizinho nunca poderá pagar-lhe o serviço que o senhor lhe está prestando.

— Ah! meu caro senhor, penso mais nele do que em mim; mas estou certo de que êle faria o mesmo, se eu estivesse no seu lugar.

O sr. Teixeira, não quis interromper por mais tempo o trabalho daquele homem; e, depois de ter-lhe desejado muita felicidade, partiu.

No dia seguinte tirou das suas economias uma certa soma, e levou-a ao ferreiro, como uma pequena recompensa pela boa ação que estava praticando, a fim de que êle pudesse empreender maiores trabalhos e economizar um pouco para a sua velhice.

Qual não foi porém, a sua surpresa, quando o ferreiro disse:

— Agradeço-lhe sumamente, mas não devo aceitar o seu dinheiro, senhor, porque essa soma não é o resultado do meu trabalho. Estou em condições de pagar o ferro que emprego; e, se precisasse de mais, o fornecedor me faria crédito. Seria uma ingratidão querer privá-lo do benefício que tira de sua mercadoria; quando eu não possuía senão a roupa que tenho no corpo, êle não hesitou em fazer-me crédito de tudo quanto precisei durante muito tempo. O senhor empregaria muito melhor o seu dinheiro, emprestando-o sem juros ao meu amigo que foi vítima do incêndio. Dêsse modo poderá restabelecer o seu negócio, e eu conservarei uma parte de meus benefícios.

Extr.

Uns plantam a semente da couve para o prato de amanhã, outros a semente do carvalho para o abrigo do futuro. Aqueles cavam para si mesmos. Estes lavram para o seu país, para felicidade dos seus descendentes, para o benefício do gênero humano.

Rui Barbosa

69. A Justiça

Almeida Garrett



EU quisera que, como base de toda a moral, se estabelecesse e firmasse no coração do educando uma única virtude primordial em que todas as outras se contivessem e da qual êle formasse uma noção perfeita e clara. Esta virtude não pode ser senão a *Justiça*. Justiça é tudo, justiça é as virtudes todas, justiça é religião, justiça é caridade justiça é sociabilidade, é respeito às leis, é lealdade, é honra, é tudo em fim.

A Caridade abraça-se com a Fé. Mas não há Fé sem Caridade, e aquele que se transvia da Fé, que lhe esquece a porta, achará outra vez o ingresso à Fé pelo caminho da Caridade.

Rui Barbosa

70. A Proclamação



UIZ, se te perguntassem qual é o acontecimento mais importante de nossa história, que responderias?

— Não é facil a resposta. Temos tratado de tantos fatos, que não sei dizer qual é o mais importante.

— Tens razão; há muito fatos notaveis e dignos de serem memorados. A minha pergunta refere-se, porém, àquele que mereça ser tido em conta de mais ruidoso, de maiores consequências.

— A data que eu vejo ter sido saudada com maior entusiasmo é a de 13 de maio.

— E' uma data que a todos alegra; aos pretos, porque deixaram de ser escravos; aos brancos, porque a abolição fez terminar a longa injustiça que vinham cometendo. De que outro fato te recordas?

— Da festa da Bandeira, que se faz em 19 de novembro. Parece-me um fato importante. O professor diz sempre que a Bandeira é o símbolo da Pátria. Festejar a Bandeira é, portanto, festejar a Pátria.

— E' certo o que tu dizes, Luiz; porém a data mais popular, a que mais concorreu para a realização dessas tantas coisas que tu admiras, foi sem dúvida, a de 15 de novembro de 1889. Na

madrugada dêsse dia memoravel, um punhado de patriotas, animados pela mais robusta fé, impelidos por um desejo ardente de liberdade e progresso, agrupados em torno do brioso militar marechal Deodoro da Fonseca, deu ao mundo um belo exemplo de civismo e amor da Pátria.

Deodoro, alçando a espada coberta de glórias nos campos do Paraguai, em um gesto de energia e audácia, proclamou a República Brasileira.

O povo, o exército e a armada, confraternizados, unidos por um só pensamento, instituíram em nosso país a República federativa, que deu ao povo o direito de ditar suas leis e escolher os cidadãos que os deviam governar e dirigir.

Luiz a data mais notavel de nossa história é a 15 de novembro de 1889.

Extr.

A fé que se professa, quando os lábios não mentem, é a que nos está no coração, nas crenças, nas idéias. Mas as idéias, as crenças, o coração do homem se estampam na sua vida. Os seus atos são o espelho da sua conciência, o reflexo dos seus sentimentos, a linguagem das suas convicções.

Rui Barbosa

71. Ordem e progresso

Rita de M. Barreto



RAZENDO uma bandeira brasileira, Aristides chegou-se perto de seu pai e perguntou-lhe:

— Que quer dizer esta inscrição „Ordem e Progresso", que eu vejo em nossa bandeira?

— Quer dizer, meu filho, que num país onde não haja ordem, não pode haver progresso, porque êste é companheiro daquela.

A Pátria é uma grande família. Ora, em uma família é preciso que todos de casa, e principalmente os chefes tenham energia e carater, para que tudo corra bem.

Do contrário, vai tudo por água abaixo, como é costume dizer-se.

*
* *

Conhecí um homem trabalhador e honesto, mas sem a devida energia, que teve

a infelicidade de casar-se com uma mulher pródiga, vadia e desordenada.

O marido saía para o serviço, ela ia pela vizinhança a contar e saber novidades, ou às lojas esbanjar dinheiro. Os filhos ficavam na cama até tarde e, quando se levantavam, em vez de irem para a escola, punham-se na rua a brincar com os moleques.

A criada, aproveitando-se da ausência de sua patroa, desfalcava a dispensa e os armários.

O pai, muitas vezes, ao chegar para almoçar, não encontrava ninguem, sentava-se sòzinho à mesa, aborrecido, desanimado, e comia sem dizer coisa alguma.

Passaram-se tempos.

Cansado de trabalhar para os exagerados dispêndios da espôsa, sem ter um momento de descanso nem mesmo no lar, o chefe da família morreu.

A mulher, não tendo mais quem lhe desse dinheiro e sem coragem para trabalhar, andava suja e rota, mendigando

pelas portas. Os filhos, cheios de vícios, foram internados no Instituto Disciplinar, e as filhas entregues ao juiz, que as colocou, como criadas, em casas de família.

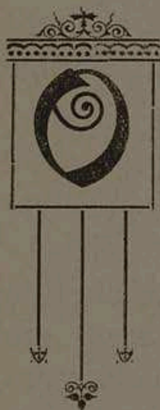
*
* *

Coisa semelhante acontece em uma nação.

Se o chefe não tem bastante energia e capacidade; se os seus auxiliares, em vez de trabalharem para o desenvolvimento do país, só tratam de divertir-se e gastar; se ainda, abusando do poder, procuram fazer fortuna à custa dos cofres públicos, ou transações ilícitas, deixando os negócios do govêrno de lado; se o povo, em vez de acatar o seu chefe e fazê-lo respeitado, promover desordens contínuas, tudo irá para trás e a nação há de chegar a um ponto de tal enfraquecimento que o estrangeiro pode apoderar-se dela com facilidade.

Sem ordem não pode haver progresso. Êste é o desenvolvimento daquela.

72. O ouro e o carvão



luzente metal, o rei do mundo,
Ao carvão disse um dia:
— Como lastimo, ó mineral imundo,
O teu destino e baixa serventia.
À gente que se preza és odioso:
Se alguem te pega, logo se enxovalha;
Ah! que emprêgo famoso:
Servir para a fornalha.

Mais liberal comigo foi a sorte!
Adora-me o grande, almeja-me o pequeno,
E até da própria morte
O horror encobre o meu fulgor sereno!
Do santuário as galas abrilhanto,
Do sólio avulto a natural grandeza:
Converto em riso o pranto,
E em virtude a torpeza!

Sou eu a luz das opulentas salas,
Onde tine o cristal das finas taças;
Rivalizo do Sol c'os fulvos raios
Do joalheiro nas nítidas vidraças!
Sou das damas o enlêvo e a ternura,
Forjo do amor a mais aguda seta;
Sem mim a formosura
Não se julga completa!

— Basta, — diz-lhe o carvão, — ouro vaidoso;
Assim te faz a gente,
O metal chamando-te precioso,
Como se fôra mérito o acidente!

. . . .

Negro, como me vês, sou necessário,
E mais serviço presto à humanidade
De que tu, deus inutil do usurário.
Entra e vê na cidade:
Ferve o rumor e a faina do trabalho,
Ergue-se o fumo em rolos ondeantes;
Sou eu que a forja e o malho
E os braços movo às fábricas possantes!

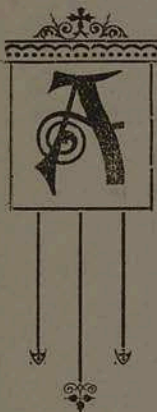
Eu da indústria os agentes alimento,
Dou asas ao vapor que em ligeireza
Excede ao próprio vento;
E, se queres mais foros de nobreza,
De mim se gera o máximo portento,
A raínha das pedras — o diamante!
Julgas-me vil ainda, ouro arrogante?

Extr.

A inveja não sabe avaliar os invejados, porque os vê de esguelha e obliquamente.

Marquês de Maricá

73. AS ARMAS NACIONAIS



S armas nacionais são constituídas por uma estrêla de cinco pontas, que tem no centro um círculo azul celeste, onde se desenha a constelação do Cruzeiro do Sul.

Numa faixa circular, tambem azul, que circunda êsse círculo, e que é orlada interior e exteriormente por filetes brancos, estão representadas vinte estrêlas, que lembram os vinte Estados da União.

A estrêla grande é sustentada por um sabre, que representa as fôrças armadas, cuja missão é sustentar a integridade da Pátria.

No copo do sabre está, em fundo vermelho, uma estrêla, que simboliza a Capital de República. Ramos de café e fumo circundam a estrêla, e do sabre parte uma fita azul onde se leem as palavras — *Estados Unidos do Brasil* — *15 de novembro de 1889*.



As armas projetam-se sobre um feixe de raios luminosos, que devem ser considerados como representação dos fulgores da grandeza nacional.

As pontas da estrêla principal são repartidas, sendo metade verde e metade amarela.

74. Cachoeiras

Valdemiro Potsch



O **carvão de pedra** movimenta as fábricas e as locomotivas, e é um dos grandes fatores do progresso dos povos. Mas as **quedas d'agua,** as **cachoeiras**, fornecem a eletricidade, que presta tantos serviços quanto o carvão de pedra, senão muito maiores. Os países que possuem grandes quedas d'agua e uma reserva imensa de matéria prima, forçosamente caminharão na **vanguarda** das mais poderosas nações. Nenhum outro povo têm maiores cachoeiras, mais facilmente aproveitaveis do que o **Brasil.** Nenhum outro possue tantos rios que possam ser mais facilmente canalizados para dar a energia elétrica.

75. Juramento á Bandeira



LÂMULA auri-verde da nossa Pátria, alma querida do nosso Brasil, chama viva da tradição, do Amor e da Fé! Símbolo de luz e de esperança, palpitação comovida de milhões de corações transflorejados na verônica cívica das tuas côres: relíquia magnífica que refletes sorridente o matiz do sol da glória e da liberdade, a alegria abençoada das searas, o riso da abundância dos frutos sazonados, a majestade serena das nossas frondes, o verde das nossas florestas!



Miniatura sagrada de uma Pátria imensa, alti-

va e forte, partícula constelada do coração de uma raça afetiva e nobre; signo hospitaleiro para os que nos buscam, luminoso fanal para os que rumam à terra desejada, à terra prodigiosa da Paz, da Esperança e do Amor!

Juramos, lábaro sagrado da crença patriótica do Brasil, símbolo do culto nativista da raça, afirmação grandiosa do brio e da soberania da Nação; juramos, pela nossa fé, pelo nosso futuro, pela confiança da Pátria no nossa destino, que há de ser de ennobrecê-la e honrá-la; juramos, pela comunhão do Amor e da Esperança de nossos pais, que te havemos de defender e honrar, como outros te honraram e defenderam, na paz ou na guerra, longe ou perto, nas nossas fronteiras ou para além da gleba adorada, no rumo incerto da glória ou da morte!

Juramos, pelo devotado amor àqueles que esculpem a legenda de ouro da formação do nosso carater e do nosso espírito, da nossa coragem no sacrifício, da nossa abnegação no empenho comum de amarmos e engrandecermos o Brasil; jura-

mos, pelo nosso reconhecimento, pela chama sagrada do nosso culto, da nossa veneração pelos nossos mestres, que em cada um de nós, em nossos corações, terás, como num cibório imaculado, a âmbula de luz das nossas devoções pelo símbolo que és da glória do Brasil!

Salve, verônica estrelada de nossa Pátria, reflexo varonil da alma de trinta milhões de brasileiros, alma da raça, vibração excelsa do nosso brio, da nossa honra e da nossa coragem!

Salve! Salve!

„Auri-verde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança!..."

Extr.

Na lei é que se acha a base de todos os poderes: efêmeros e despreziveis, se assentam na fôrça; inviolaveis e duradouros, se descansam no direito.

Rui Barbosa

76. A simplicidade

Mme. Permond



INHAS QUERIDAS FILHAS.

A simplicidade permite ao rico ser generoso para com os pobres, e aos que teem uma fortuna medíocre socorrer os que sofrem.

Regulemos o nosso modo de viver pela nossa fortuna; mas vivamos modestamente e sem nos prendermos com fantasias.

Não é necessário, para ser feliz, viver rodeado de tudo o que há de mais belo, de mais extraordinário e elegante; pelo contrário, deve-se reagir contra o luxo exagerado, talvez mesmo escandaloso, que hoje se ostenta, sobretudo nas recepções, e que se introduziu até nas famílias que nos parecem mais sérias.

Se Deus vos der fortuna, minhas queridas filhas, não ostenteis um luxo insolente, mas conservai a simplicidade no vosso modo de trajar, tanto dentro como fora de casa, trajar que deve

ser correto, de bom gôsto e sem ostentações que deem na vista. Se tendes carruagem, ela deve ser modesta, para não crear invejas.

E não penseis que haja nisto grande mérito, pois apenas cumprís o vosso dever; porque, se Deus vos concedeu fortuna, convencei-vos de que não foi ùnicamente para vossa utilidade pessoal, mas para que ajudeis àqueles que dela são menos favorecidos e que vivem na pobreza.

Amizade procedida de comer, beber e passear juntos, não merece o nome de tal, nem pode ter firmeza.

Manuel Bernardes



77. ARMAS

Fagundes Varela



UAL a mais forte das armas,
A mais firme, a mais certeira?
A lança, a espada, a clavina,
Ou a funda aventureira?
A pistola? O bacamarte?
A espingarda, ou a flecha?
O canhão que em praça forte
Faz em dez minutos brecha?

Qual a mais firme das armas?
O terçado, a fisga, o chuço,
O dardo, a maça, o virote?
A faca, o florete, o laço,
O punhal ou o chifarote?

A mais tremenda das armas,
Peor do que a durindana,
Atendei, meus bons amigos,
Se apelida — a língua humana!

78. O jabotí e o gigante

Fábula indígena



NDAVA o jabotí pelo litoral, na sua faina de rodèar o oceano, em cujas águas vivia a maior parte de seu tempo.

Já se lamuriava de seu isolamento, procurando um meio qualquer de distraír-se, quando aconteceu avistar, deitado de barriga para o ar, gozando a frescura dos penedos sombrios e humedecidos, um gigante musculoso, cujo vulto se destacava entre a areia revolvida pelas ondas.

O jabotí chegou-se-lhe bem ao ouvido e gritou:

— Olá, seu gigante!

— Olá, jabotí, você por aquí!

— Vamos fazer uma aposta?

— Que aposta, jabotí?

— E' esta: puxaremos ambos por uma corda: você pega de um lado e eu do outro. O que cansar primeiro, perde.

O gigante olhou desdenhosamente de alto a baixo o jabotí e riu-se de sua figura grotesca com uma estrondosa gargalhada que fez estremecer as serras:

— Deixa disso, jabotí! Teria graça medir fôrças com você!

Mas, como o jabotí insistisse, levantou-se resoluto e aceitou o desafio.

Trazida a corda, o jabotí mergulhou-a nas ondas e lá, no fundo, amarrou a extremidade na cauda de uma baleia.

Em seguida, cauteloso, escondeu-se entre grupos de rochas, prelibando a delícia de zombar dos esgares de seu contendor. A luta começara. Em esforços horriveis, contendo a respiração, concentrando todas as suas fôrças, o gigante suava inutilmente, distendendo os músculos, raivoso com a resistência inesperada.

Do seu esconderijo o animalzinho ria-se, assistindo ao espetáculo que preparara.

Por duas vezes, o gigante foi arrastado até dentro d'água pelo poderoso cetáceo e por duas vezes conseguiu voltar a terra.

Afinal, exhausto, resolveu abandonar a corda:

— Basta! Basta, jabotí!

Sorrateiro,o jabotí deixou a toca, mergulhou-se novamente, desatou a corda da baleia e, fingindo-se ofegante, saltou na praia.

— Você está fatigado, jabotí!

— Eu nada, não me cansei. Foi um brinquedo.

E o gigante deixou-o, dizendo:

— Agora vejo que você é mais forte do que eu.

Com esta lenda quizeram de certo os selvícolas demonstrar a superioridade intelectual da argúcia sobre a fôrça bruta da matéria.

O alcool é um veneno. A saúde é sempre de uma maneira ou outra prejudicada por êle, nunca porém beneficiada.

76. Dois de novembro



UE nos deixam os mortos? — Vida.

Não é só à beira dos túmulos que devemos venerar os finados, mas em toda a parte e em tudo que existe na terra e no tempo: na obra material, efêmera, e na obra de pensamento, eterna.

Foram êles, os mortos, que nos herdaram a Pátria. A paz que fruímos é um legado dos que foram; o progresso que desfrutamos foi-nos transmitido por êles; os livros em que aprendemos estão cheios da experiência e do saber dos mortos. A cruz com que nos abraçamos foram êles que no-la esculpiram e hoje, livres e fortes, trilhamos, com segurança, a estrada, larga e facil, que êles abriram através de florestas, batalhando e sofrendo.

E não é só ao morto, cujo corpo reverteu à terra da Pátria que devemos gratidão, mas a todos, indistintamente, desde aquele que, na grande noite dos tempos, acendeu o primeiro lume até o que, ainda ontem, artista ou mesteiral, poeta ou cavador, trabalhou pela Vida e pela Felicidade humana.

Êste é o culto que primeiro nasceu entre os homens, religião de amor e de saudade que tem em cada túmulo um altar, em cada cemitério um templo.

Extr.

80. DILIGÊNCIA

COELHO NETO



EITO o laço ou armadilha, esconde-se o caçador à espreita, ôlho fito, ouvido à escuta, imovel. Chega a caça, fareja o cibo, ronda-o desconfiada. Atreve um passo esquivo, logo, porém, detem-se arisca, relanceando a vista em volta. Vai de manso, entra na enliça, põe-se a comer e, a um lanço súbito, ei-la cativa. Assim sucede, se o caçador é vigilante e presto.

Se, entretanto, por demora da caça, impacienta-se ou, aborrecido do silêncio, busca distraír-se com o cigarro, o fumo denuncia-o; se dormita fiado em que ao mais leve rumor acordará, é traído pelo sono; se se entretem com as manhas do animal, convencido de que o terá à mão quando quiser, adeus ventura!

Tantas razões podem afugentar a caça de improviso! Um bolir de folha, o rufio de um vôo, um pio de ave... e lá se vai mato a dentro o que já era como da bolsa.

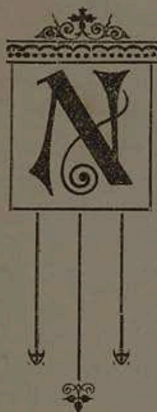
Saír-lhe no rastro ou esperar-lhe a volta? Qualquer que seja a resolução do arrependimento, não resgatará o tempo perdido.

Êste exemplo serve a tudo. A entrada em momento oportuno vale por meia vitória. Das dilações do preguiçoso aproveita-se o diligente.

Adiar para mais tarde o que se pode fazer de manhã é perder o que se não acha nunca mais: o tempo e ainda a fortuna que nele se passa como folha que deriva no fio da corrente.

81. ORAÇÃO

EMILIANO PERNETA



ÃO há nada tão bom, de fôrça mais estranha,
Do que seja, meu filho, a simples Oração:
A Oração é capaz de erguer uma montanha,
E é mais leve que a luz, e mais suave que o pão.

Quando te punja a dor, quando te vença a mágua,
Que, às vezes, sôbre nós, como uma flecha cai,
Ajoelha-te e verás, os olhos rasos d'água,
Meu filho, como Deus é um verdadeiro pai!

Basta que a tua dor venha do fundo d'alma,
Basta ergueres o olhar, basta ergueres a voz,
E logo tu hás de ver como tudo se acalma!
O' Jesús! O' Jesús! Tem piedade de nós!

Tudo freme ao sentir a impressão misteriosa
Dessa mão que possue o mágico poder
De entreabrir em silêncio o calix de uma rosa,
E fazer um leão, que ruge adormecer.

Tudo a eleva e conduz, por êsse mundo a fora,
Desde o fundo do vale á mais alta rechã:
O pássaro que foge, o rosicler da aurora,
A humilde flor do campo, a estrêla da manhã.

Tudo: o orvalho, o silêncio, o perfume, o cicio
Do vento a segredar o seu nome feliz,
A sombra que perpassa, a folha, a fonte, o rio,
Tudo a murmura, a quer, tudo a exalta e bendiz.

Êsse aroma subtil erra em tudo disperso,
E êsse raio de sol em tudo se introduz:
Orar é se fundir no seio do Universo
E' se fundir em Deus, é se fundir em luz

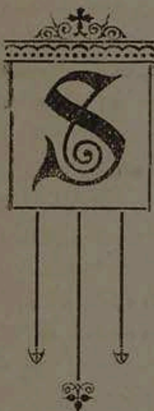
A não ser que uma pessoa se empenhe em apressar o seu próprio funeral, que necessidade tem ela de comer à pressa?

A companhia dos livros dispensa com vantagem a dos homens.

Marquês de Maricá

82. Saudação à Bandeira

Firmino Costa



ALVE, símbolo sagrado da querida terra do Brasil!

Nós, que somos crianças, procuramos a luz da instrução para melhor servir-te, ó glorioso estandarte! Educamos os nossos sentimentos para amar-te de todo o coração; havemos de ser fortes e corajosos para defender-te, ainda que seja no campo de batalha.

Nós sabemos que o verde e o amarelo de tuas côres lembram a exuberante vegetação e as admiraveis riquezas do solo brasileiro. O azul estrelado, que ostentas, vem dêsse firmamento grandioso, onde o Sol é sempre brilhante, o luar e as estrêlas fazem as noites encantadoras. Entre as tuas côres ainda tens o branco, simbolizando a pureza das nobres aspirações nacionais.

O teu verde é a esperança, que nos faz entrever um belíssimo futuro: é o amarelo a riqueza entranhada na terra, à espera do trabalho inteligente para melhor aproveitá-la; o azul aponta-nos a elevação do saber, como um novo Sol a iluminar o caminho de nossos deveres; o branco sintetiza um excelso ideal na divisa "Ordem e Progresso".

Amado pavilhão auri-verde, inspira em nossos corações o amor da Pátria! Êste nome Brasil, que fazes lembrar, nós o consideraremos sagrado, e, nem gracejando, seremos capazes de profaná-lo. Prestaremos sincera homenagem ao teu inse-

paravel companheiro, que é o Hino Nacional. Respeitaremos sempre a Constituição e as leis da República. Não havemos de quebrar, por nenhum motivo, a nossa solidariedade com os interêsses pátrios. Harmonizaremos com o patriotismo a nossa profissão, a nossa família, a nossa religião, a nossa vida, servindo à Pátria do melhor modo que nos for possivel.

Altaneiro pendão da nossa terra, que tantas vezes tens infundido a coragem e o civismo nas almas brasileiras, tu inspiraste aquela admiravel passagem da ponte de Itororó, na guerra do Paraguai. Quando alí, diante do inimigo, os mais bravos soldados recuavam, o seu comandante, que era o glorioso Duque de Caxias, arranca da espada, avança e grita: „Quem for brasileiro, siga-me!" E eis que o entusiasmo, provocado por êste grito, faz tomar de um só assalto a ponte de Itororó!

Neste momento, cuja gravidade nós não podemos compreender, como que ouvimos desprender-se de tuas dobras a mesma voz de comando, que inspiraste ao Duque de Caxias: „Quem for brasileiro, siga-me!" Nenhum brasileiro, nós o acreditamos, deixará de seguir-te, ó querido símbolo da Pátria, nesta passagem crudelíssima, em que está envolvida a liberdade do mundo...

Salve, salve, ó santa Bandeira Nacional!

A liberdade não consiste em fazer o que se quer, mais sim em fazer o que se deve.

Campoamor

Examina se o que prometes é razoavel e possivel, pois a promessa é uma dívida.

Confúcio

83. O SONO DE UM ANJO

LUIZ GUIMARÃES



UANDO ela dorme, como dorme a estrêla
Nos vapores da tímida alvorada,
E a sua doce fronte extasiada
Mais perfeita que um lírio, e tão singela,

Tão serena, tão lúcida, tão bela
Como dos anjos a cabeça amada,
Repousa na cambraia perfumada,
Eu velo absorto o' casto sono dela.

E rogo a Deus, enquanto a estrêla brilha,
Deus, que protege a planta e a flor obscura
E nos indica do futuro a trilha,

Deus, por quem toda a Creação se humilha,
Que tenha pena dessa creatura,
Dêsse botão de flor — que é minha filha.

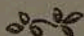


84. FÉRIAS

ODILON FERNANDES



AS férias no limiar,
Eis-nos, em fim, que alegria!
Dias de sol e de flores,
De festas e de esplendores,
Repletos de poesia,
Vamos, em fim, desfrutar!
Como é bom, pelo verão,
Correr no campo, ao sol pôsto,
Escutar os passarinhos,
Contemplá-los nos seus ninhos,
Tendo a alegria no rosto
E a calma no coração!
Como são limpos os céus,
Que festiva a natureza!
No mar, no vale, na serra,
Em toda a parte da terra,
Tudo proclama a beleza,
Da majestade de Deus!



ÍNDICE

ÍNDICE



MAPA DO ESTADO

de

Santa Catarina

adotado nas escolas públicas do Estado

Escala 1:800.000

com indicações minuciosas dos limites, das divisas municipais, das cidades, vilas e freguesias, das estradas de ferro e de rodagem, dos rios, serras, pontes e balsas

PREÇO:

Em papel	6$000
Dobrado e forrado, para viajante . .	12$000
Forrado e aparelhado	15$000
Esquema histórico	1$000

Pedidos à LIVRARIA CENTRAL

FLORIANÓPOLIS

PREÇO: